

Há nestes Mosteiros quatro centos e trinta e sete fervidores.

As egrejas Parrochiaes, e Ermidas, e espritaes, Collegios, e Mosteiros, são oitenta e seis.

Há em todas estas egrejas cento e outenta e quatro Confrarias.

Gasta a Cidade na festa de corpus Christi assi pollos officios, e cera, e outros gastos, e pitaças, que daa aos cidadãos, mil cruzados.

Gastaõ os pescadores na sua festa do santo Sacramento, a qual fazem ao Domingo seguinte depois de passado o dia de corpus Christi, com clerezia, que acompanha a procição, e outros gastos, e cera, que he muita, quinhentos cruzados.

Soma de todos os rendimentos.

Somaõ todos os rendimentos atraz, s. Arcebispa do, Cabido, egrejas Parrochiaes, com suas Capellas, e as Ermidas, Collegios, Espritaes, Mosteiros, Confrarias, e todos os mais rendimentos, como já atraz ficaõ declarados, cento setenta e sete mil, e outo centos cincoenta e sete cruzados.

O QUE SE CONTEM
do Secular neste Summario,
he o seguinte.

Caza da Supricação.

A caza da Supricação he a principal, e suprema da justiça de todo o Reyno. Há nella os officiaes seguintes.

O Regedor.

O Chanceler moor.

Cincoenta e dous Dezembargadores, hum destes he procurador delRey.

Hum Capellaõ.

Hum escriptaõ dos feitos delRey.

Outro escriptaõ dos feitos da chancellaria.

Quatro escriptaões dos aggravos, e appellações.

Quatro escriptaões dos ouvidores.

Hum escriptaõ das terras da Rainha.

Outro escriptaõ da Ordem.

Outro escriptaõ das Ilhas.

Dous escriptaões das malfeitorias.

Seis escriptaões dante os Corregedores do cível, e crime.

Dous distribuidores.

Dous contadores.

Hum escriptaõ da Chancellaria.

Hum

Hum recebedor da chancellaria.
 Hum porteiro da chancellaria.
 Quatro escriptores do registo.
 Hum executor das dizimas.
 Trez porteiros da caza.
 Seis enqueredores.
 Hum porteiro da Relação.
 Nove caminheiros.
 Hum corredor de folha.
 Hum carcereiro.
 Quatro guardas.
 Hum meirinho da corte, o qual tem vinte e quatro homens de chuças.
 Hum meirinho das cadeas, o qual tem doze homens de chuças.
 Dous escriptores destes meirinhos.
 Hum Juiz dos feitos da fazenda.
 Cinco escriptores.
 Hum enqueredor.
 Hum distribuidor.
 Trez porteiros.
 Tres caminheiros.
 Trinta procuradores letrados, não são certos, ora mais e menos.

Caza do Civel.

A Caza do Civel, he outra caza de justiça, que tem em todo o Reyno, e terras firmes jurisdicção nas appellações de trinta mil reis para baixo; e sendo a cauza de posses, tem até cincoenta, e no Juizo da Mina tem toda a jurisdicção civil,

vel, e crime de que toma conhecimento: e nas couzas que tocaõ á Misericordia tem dous Dezembargadores com toda a alçada sem appellação, nem agravo. Da Estremadura para baixo tem toda a jurisdicção crime sem mais appellação, nem agravo. Das Ilhas tem toda a jurisdicção crime de todo o cortamento de membro; as outras couzas somente vão aa supricação, e nesta Cidade, e seu termo em toda a appellação crime que vem á caza, tem jurisdicção sem mais appellação, nem agravo.

Os officiaes da caza são os seguintes.

O Governador.

O Chanceller.

Dezanove Dezembargadores.

Cinco escrivães dos agravos, e appellações.

Hum escrivão do agravo.

Hum escrivão das Ilhas.

Hum escrivão das terras da Rainha.

Hum escrivão das auções novas.

Hum escrivão da Chancellaria, e distribuidor.

Quatro escrivães dos Ouvidores.

Dous enqueredores.

Hum porteiro da Relação.

Dous porteiros dos agravos, e hum destes serve na chancellaria.

Seis caminheiros.

Hum contador.

Dous escrivães dante os Dezembargadores dos Rezidos.

Hum promotor, que serve em todos os Juizos, tirando

rando o dos Corregedores do crime que tem
outro.

Dez escrivães dante os Corregedores do civil, e
crime, s. seis do civil, e quatro do crime.

Hum distribuidor dante estes Corregedores.

Quatro enqueredores dante estes Corregedores.

Quatro porteiros dante elles,

Hum Promotor.

Juizo da India, Guiné, e Mina.

Quatro escrivães do Juizo da Mina.

Dous enqueredores.

Hum porteiro.

Hum promotor.

Juizo da fandega em que se trataõ

as demandas dos mercadores.

Hum Ouvidor.

Cinco escrivães.

Hum enqueredor, e distribuidor.

Tres porteiros.

Juizo da Moeda, em que se trataõ as

demandas dos mercadores.

Hum Conservador, e Ouvidor.

Dous escrivães.

Hum

Hum alcaide pequeno,
Hum porteiro.

Juizo dos Rezidos.

H Um Juiz.
Tres escrivães.
Tres solicitadores.
Hum porteiro.
Hum contador.
Promotor, o atraz.

Alcaide da Cidade.

Q Uatro alcaides, e cada hum tem doze homens, f. oito de chuças, e quatro de espadas, que faõ corenta e oito homens.
Outros dous alcaides, hum destes tem oito homens de chuças, e outros seis de chuças, e dous de espadas, que faõ dezaseis.
Seis escrivães destes alcaides.
Hum corredor da folha.
Hum carcereiro do limoeiro, que he prizaõ onde pouco mais, ou menos estaõ sempre quatrocentos prezos.
Outo guardas dos prezos.
Procuradores letrados oitenta, e naõ faõ certos, porque crecem, e mingoaõ.

Officiaes da Camara da Cidade.

Quatro Vereadores, tres Fidalgos, e hum letrado. Hum Dezembargador da caza do civil, que serve de Chanceller da Cidade.

Dous finicos, hum que serve na Cidade, e outro na Supricaçaõ.

Dous procuradores da Cidade.

Outros quatro procuradores.

Tres provedores da saude.

Hum escriptaõ da saude.

Hum thezoureiro da Cidade.

Hum escriptaõ do thezoureiro.

Hum veador das obras.

Hum escriptaõ do veador das obras.

Hum contador.

Hum escriptaõ do contador.

Hum recebedor da limpeza.

Hum guarda da Camara.

Dous sacadores.

Hum solicitador.

Nove homens da Camara.

Hum fisico da peste.

Outro fisico.

Hum guarda que estaa em Bellem.

Outro guarda do Caiz.

Dous homens que tem cargo das fontes.

Hum fiel da balança do assougue.

Hum thezoureiro dos depozitos.

Hum escriptaõ deste thezoureiro.

Hum sineiro.

Hum relageiro.

N

Hum

Hum escriptaõ da Camara, este propoem outro que serve.

Quatro almotacés da Cidade, cada hum destes almotacés tem dous homens.

Quatro escriptaões destes almotacés.

Outros quatro almotacés perpetuos da limpeza da Cidade, e cada hum tem dous homens.

Quatro escriptaões delles, estes se elegem cada anno.

Juiz do Civel.

DOus Juizes ordinarios, os quaes saõ eleitos polla Cidade.

Nove escriptaões.

Cinco enqueredores.

Hum distribuidor.

Hum contador.

Sete porteiros, os quaes servem no Juizo do crime, e no Juizo dos orfaõs.

Juizo do crime.

DOus Juizes ordinarios eleitos polla Cidade.

Quatro escriptaões.

Hum solicitador.

Tres enqueredores.

Juizo dos Orfaãos.

Tres Juizes da Cidade eleitos polla Cidade.
 Dous Juizes do termo.
 Nove escrivães da Cidade.
 Dous escrivães do termo.
 Hum enqueredor.
 Hum distribuidor.
 Onze partidores dos orfaãos.
 Hum porteiro serve os acima.

Juizo das propriedades.

Dous Juizes eleitos polla Cidade.
 Hum escrivão.
 Hum porteiro.

Tabaliães das Notas.

Dezaseis tabeliães das nótas.
 Hum distribuidor.
 Doze escrivães do pelourinho postos polla Cidade.

Corretores de mercadorias.

Doze corretores de mercadorias, e delles elegem hum juiz, e hum escrivão.

Outros doze corretores de escravos, e cavallos, e
servem mais.

Caza da India.

H Um feitor.

Hum thezoureiro do dinheiro.

Outro thezoureiro da especiaria.

Hum Juiz da balança.

Oito escrivães.

Vinte e nove guardas.

Hum guarda dos livros.

Hum apontador.

Hum porteiro da porta.

Oito trabalhadores, e aa carga das urcas andaõ
secenta, e mais, e menos.

Caza da Mina.

H Um thezoureiro.

Hum escrivão que serve com o thezoureiro,
qual o feitor poem por anno.

Hum feitor de Guiné.

Seis trabalhadores ordinariamente, e quando há
que fazer tomaõ mais.

Caza do Almazem do Reyno, e Armaria.

H Um Almoxarife do Almazem.

H Outro Almoxarife da Armaria.

Dous escrivães.

Dous porteiros.

Tres guardas.

Seis fundidores de artelharía.

Dous mestres de carpentaria, cada hum destes tem quatro obreiros.

Hum mestre darcabuzes, com oito officiaes.

Tres ferreiros por contrato, e cada hum tem dez obreiros.

Outo ferradores.

Dous ferralheiros, cada hum tem quatro obreiros.

Hum sapateiro, que faz facos para polvora.

Hum oleiro que faz panellas para polvora.

Os trabalhadores he numero incerto, pagaõse cadano mil e quinhentos cruzados, e alguns annos dous mil cruzados aos trabalhadores.

Caza do Almazem da India, e Guiné.

H Um Provedor moor.

H Um thezoureiro.

Quatro escrivães da caza.

Seis homens que servem.

Hum mestre que faz vellas, com quatro obreiros.

Oito

Oito mulheres que fazem vellas latinas.
 Hum Patraõ moor, e outro patraõ pequeno.
 Seis trabalhadores cõmummente, e quando há que
 fazer andaõ nas munições cinco, e mais, se-
 gundo se haõ mister.

*Caza do Almazem dos mantimen-
 tos.*

HUm Almoxarife.
 Hum escriptaõ.
 Hum homem do Almoxarife.
 Os trabalhadores he numero incerto, porque ás
 vezes se haõ mister muitos, e muitos mariolas
 para a carga dos vinhos.

Almoxarifado da Ribeira.

HUm Almoxarife que tem cuidado da madei-
 ra das naos, e vellas, e cordoalhas, e anco-
 ras, e toda a mais munição.
 Hum escriptaõ.
 Dous alcaides do mar.
 Hum apontador.
 Dous homens da caza.
 Hum apontador das obras delRey.
 Seis guardas.
 Hum guarda das caravelas de cabo verde.
 Duzentos e vinte e sete carpinteiros da ribeira.
 Cem calafates.
 Trabalhadores feryem vinte e cinco, tanto que
 vem

abvem as naos tomaõ mayor numero delles, e aas
vezes se naõ achaõ quantos se haõ mister.
Serradores, quatro ferras. Muitas vezes mandaõ
chamar pollo Reyno officiaes de carpintaria, e
calafates, e os que vem lhe pagaõ Domingos, e
dias de festas.

Caza da Alfandega.

H Um provedor.
Hum juiz.

Hum thezoureiro.

Cinco escrivães.

Quatro feitores de dentro.

Hum guarda dos livros.

Dous guardas das mercadorias.

Hum fiel da balança.

Hum feitor que tem cuidado de descarregar as
barcas.

Outro feitor dos assucars da Ilha da Madeira.

Dous medidores.

Quatro sacadores.

Dous porteiros da porta de dentro, aos mezes.

Hum selador das mercadorias.

Hum escrivaõ das execuções.

Outro escrivaõ do Provedor, e dezencaminha-
dos.

Hum porteiro do patim.

Hum meirinho, que tem tres homens.

Hum feitor moor da descarga, e vigia do mar.

Doze guardas, que andaõ com o feitor moor.

Tres escrivães, que andaõ com o feitor por mar,
e terra,

Vinte

Vinte trabalhadores cõmummente no serviço da
caza, e quando há descarga andaõ muitos, naõ
tem numero certo.

Em Bellem tem a caza hum meirinho, e hum es-
crivaõ, e quatro guardas.

As tres Cazas.

S. A ver do pezo, e mercearia, e
herdades.

H Um Almozarife, e quando dá conta poem
outro, e fica o Almozarife por feitor.

Hum feitor.

Cinco escrivães, s. hum das herdades, e as outras
duas cazas tem dous cada huma.

Seis facadores, e enqueredores.

Doze feitores, e aas vezes mais, e menos, segun-
do os rendeiros querem.

Quatro escrivães das portas.

Outro escrivaõ.

Hum official da arruella.

Caza da Ciza da Fruta.

H Um Almozarife.

Hum escrivaõ, e outro na ribeira ao tempo
que há fruta.

Dous facadores, e enqueredores.

Seis feitores.

*Caza da Portagem.***H** Um Almozarife.

Hum Juiz.

Dous escrivães.

Quatro requeredores.

Quatro feitores.

*Caza da Ciza das Carnes.***H** Um Almozarife.

Dous escrivães.

Outro escrivaõ no curral.

Hum facador.

Quatro feitores.

*Caza do Paço da Madeira.***H** Um Almozarife.

Tres escrivães.

Dous facadores.

Sete feitores.

*Caza da imposição velha, e nova dos
vinhos.*

H Um Almoxarife.
Tres escrivães.
Hum feitor da vára.
Hum escriptaõ delle.
Tres sacadores, e requeredores.
Cinco feitores das portas.

Ciza do peixe del Rey.

H Um Almoxarife.
Dous escrivães.
Dous sacadores.
Feitores quinze, e quantos os rendeiros querem.
Hum escriptaõ na ribeira, que se chama da regataria, com hum feitor della.

Ciza do peixe do Duque.

H Um Almoxarife.
Hum sacador.
Dous escrivães
Hum guarda da caixa.

Caza dos Contos do Reyno.

H Um Provedor.
 Dous escriptvães da fazenda, que servem com
 o Provedor.
 Tres revedores.
 Vinte e seis contadores da caza.
 Trinta e tres escriptvães.
 Dous mossos da fazenda.
 Quatro mossos dos contos.
 Tres caminheiros da caza.
 Hum guarda da caza, com hum mosso.

Caza dos Contos da Cidade:

N Ove contadores.
 Dez escriptvães.
 Hum mosso dos contos.
 Hum porteiro.

Caza do Terreiro do trigo.

H Um guarda do terreiro.
 Hum escriptvãõ.
 Hum Juiz.
 Os trabalhadores não tem numero certo.

Caza da Moeda.

H Um thezoureiro.

H Dous escrivães.

Hum alcaide.

Hum Juiz da balança.

Hum afinador do ouro.

Hum apartador do ouro.

Moedeiros, cento e trinta, e mais.

GENTE DE OFFICIOS

que há em Lisboa.

F Izicos cincoenta e sete.

Cirurgiães secenta.

Boticairos quarenta e seis.

Mestres de Gramatica sete.

Mestres, que ensinaõ moslos a ler trinta e quatro.

Escolas pubricas de dançar quatorze, a fora que há
homens, que ensinaõ a pessoas nobres em suas
cazas.

Escolas pubricas de esgrima quatro, a fora que há
muitos gentishomens q̄ ensinaõ pessoas nobres, e
tem muitos discipulos.

Mercadores banqueiros, seis.

Mercadores de sedas caixeiros, vinte oito.

Mercadores groços, que compraõ por junto, trinta.

Mercadores de panos que tem logea, secenta.

Mercadores de toda a mercadoria, quatro centos
e cin.

e cincoenta e oito.

Tratantes, seis centos e vinte.

Tangedores de técla, vinte.

Cantores, cento e cincoenta.

Charamelas, vinte.

Trombetas, doze.

Atabaleiros, oito.

Officiaes mechanicos.

PIntores, secenta e seis.

Debuxadores, corenta e sete.

Homens que fazem cartas de marear, dez.

Lapidarios, trinta e dous.

Ourivezes, quatro centos e trinta.

Imprimidores, cinco.

Livreiros, cincoenta e quatro.

Borladores, dez.

Mestres de vestimentas, seis.

Sirgueiros, cento e trinta e tres.

Alfayates, outo centos e cincoenta e nove.

Calceteiros, cento e setenta e tres.

Barreteiros, quinze

Carapuceiros, quatorze.

Aljabebes, cento e dezanove.

Jubiteiros, vinte e quatro. *(fazem jubas)*

Colchoeiros de colchas, vinte e sete.

Esparaveleiros, dez. *(fazem chapeo de sol)*

Touqueiros, seis.

Botoeiros, vinte.

Tozadores, cento e trinta.

Cardadores, deza seis.

Som.

Sombreireiros , duzentos e seis.

Tintoreiros , trinta e nove.

Tecelães.

Tecelães , noventa e oito.

Tecelães de seda , oito.

Tecelães de tapetes , quatro.

Tecelães de cilhas , cinco.

Texeleiros , seis.

Tapeceiros , seis.

Trapeiros , oito.

Manteiros , que fazem mantas de retalhos , oito.

Tecelães que fazem cevadeiras , cinco.

Tecelães que fazem bolsas , seis.

Carpinteiros.

Carpinteiros de macenaria , secenta e quatro.

Mestres de Carpintaria , dezoito.

Mestres de navios , dezanove.

Capinteiros de caixas , noventa e tres.

Carpinteiros de cazas , quatro centos noventa e dous.

Carpinteiros da ribeira , duzentos.

Carpinteiros calafates , cento e quatorze.

Carpinteiros de gâveas , dezoito.

Capinteiros de bombas , treze.

Carpinteiros de atafonas , dez.

Carpinteiros de manicordios , quatro.

Carpinteiros organistas , tres.

Violeiros, dezaseis.
 Carpinteiros torneiros, corenta e quatro.
 Carpinteiros conteiros, que fazem contas, outo.
 Tanoeiros, cento e quarenta e tres.
 Carpinteiros, que fazem pentes, oito.
 Carpinteiros, que fazem pandeiros, quatro.
 Carpinteiros, que fazem adufes, quatro.
 Capinteiros, que fazem formas, sete.
 Serradores, vinte nove.
 Fendedores de lenha, treze.

Pedreiros.

Pedreiros, duzentos e noventa e hum.
 Taipeiros, vinte e quatro.
 Calceteiros de calçadas, quatro.
 Oleiros, duzentos e seis.
 Caeiros, treze.
 Telheiros, dezaseis.
 Homens que fazem tejolo, vinte e dous.
 Ladrilhadores, trinta e dous.
 Cavoqueiros, vinte.
 Coveiros, vinte e quatro.

Çapateiros.

Çapateiros, mil e cento e dezanove.
 Çorrieiros, cento e quarenta e dous.
 Seleiros, trinta e nove.
 Adargueiros, quinze.
 Cortidores, secenta e sete.

C,urra:

Çurradores , cento e vinte e sete;

Luveiros , oitenta e hum.

Ataqueiros , dez.

Piliteiros , deza sete.

Guadamicileiros , trinta e hum.

Odreiros , vinte.

Officiaes de ferro.

L Atoeiros , cincoenta e sete.

Batifolhas , quatorze.

Douradores , trinta e nove.

Freeiros , vinte e quatro.

Ferreiros , cento e vinte nove.

Serralheiros , noventa e tres.

Serralheiros de espingardas , tres.

Serralheiros de relogios , quatro,

Caldeireiros , quarenta e tres.

Pichileiros , corenta e dous.

Anzoleiros , vinte.

Ferradores , cincoenta e hum.

Homens que fazem sedeiros quatro.

Armeiros , quatorze.

Cutileiros , trinta.

Coronheiros , deza sete.

Mestres, que fazem arcos de béstas , quinze.

Lanceiros , oito.

Viroteiros , tres.

Barbeiros , cento e noventa e sete.

Bainheiros , vinte e hum.

Sacamólas , dezoito.

Serieiros , setenta e quatro.

Bombardeiros, cento e trinta e nove.

Esparteiros, cincoenta e feis.

Cordoeiros, trinta.

Albardadeiros, vinte e hum.

Esteireiros, corenta e quatro.

Canastreiros, setenta e quatro.

Cesteiros, treze.

Peneireiros, quinze.

Mulagueiros, vinte e cinco.

Pescadores, e homens do mar.

Pilotos, cento secenta e sete.

Mestres, cincoenta.

Contra mestres, corenta.

Guardiães, vinte.

Pescadores, feis centos e tres.

Barqueiros, noventa.

Lava peixes, vinte.

Mareantes, quatro centos.

Marinheiros, quinhentos e dezoito.

Tendeiros.

Maceiros, doze.

Fanqueiros, e fanqueiras, secenta,

Tendeiros, e tendeiras, cento e cincoenta.

Bofarinheiros, dezaseis.

Alfloeiros, vinte e tres.

Pasteleiros, treze.

Obreiros, vinte e feis,

- Biscouteiros, corenta e tres.
 Alcaparheiros, dez.
 Mestres de assucar, oito.
 Vinhateiros, trinta e oito.
 Taverneiros, e taverneiras, duzentos e trinta e seis.
 Atafoneiros, duzentos e dezaseis.
 Carneceiros, vinte e quatro.
 Marchantes, vinte e oito.
 Cortadores de carne, vinte.
 Esfoladores, trinta.
 Estalajadeiros, doze.
 Homens que alugão camas, dez.
 Homens que alugão bestas de sella, sete.
 Almocreves, setenta e cinco.
 Ribeirinhos, que ganhaõ com bestas, setenta e cinco.
 Regatões, vinte e sete.
 Cambadores, cinco.
 Galinheiros que vendem galinhas, vinte.
 Homens que vendem toda a caça, dezanove.
 Cabriteiros que vendem cabritos, trinta e dous.
 Homens que fazem espelhos, oito.
 Homens que fazem gayolas, oito.
 Homens que fazem vidraças, quatro.
 Homens que fazem cordas de viola, quatro.
 Homens que fazem agoa ardente, dez.
 Adelos, que saõ homens que vendem peças polla Cidade, dez.
 Homens que fazem chaveiros, quatro.
 Homens que fazem ratoeiras, cinco.
 Homens que fazem rocas, seis.
 Homens que fazem oculos, quatro.

Homens que fazem colheres, sete.
 Homens que vendem brincos, dez.
 Homens que vendem retavolos, dezoito.
 Homens que vendem vassouras, oito.
 Homens que buscão oiro na praya, doze.
 Homens que cozem velas de navios, dezanove.
 Homens que acarretão lãa, vinte e nove.
 Homens que desfazem navios, vinte.
 Homens que remendaõ redes, vinte.
 Medideiras de trigo no terreiro, dezoito.
 Carvoeiros, trinta e nove.
 Solicitadores, setenta.
 Correyos, dez.
 Caminheiros, trinta e seis.
 Trabalhadores, novecentos e setenta e seis.
 Ortelãos, e lavradores que vivem pegado com os
 muros, e arrabaldes, cento e oitenta e sete.
 Pobres, quinhentos e cincoenta e dous.
 Merceeiros, que estaõ em Capellas, trinta e seis.
 Homens que pedem com caixas, cincoenta e dous.
 Cegos, quarenta e hum.

Mulheres.

L Avrandeiras, mil e cento e setenta e tres.
L Mestras que ensinaõ moças a lavrar secenta e
 cinco.
 Mulheres que assentaõ ouro, vinte e nove.
 Mulheres que fazem redes, franjas, e cadanetas;
 corenta e oito,
 Mulheres que fazem labores em tear, corenta.
 Layrandeiras de bastidor, dezaseis.

1143

85

29

38

40

76

1371

1606	Alfayatas, mil e seis centas e seis.
36	Mulheres que fazem linhas, e tranças, trinta e seis.
78	Esparavelheiras, dezoito.
100	Colchoeiras, cento.
9	Mulheres que fazem passamanes, nove.
14	Mulheres que poem caireis em talabartes, quatorze
18	Cerzideiras, dezoito.
16	Gibiteiras, dezaseis.
196	Botoeiras, cento e noventa e seis.
63	Mulheres que cozem luvás, secenta e tres.
2	Mulheres que ensinaõ moças a ler, duas.
23	Tecedeiras, cento e vinte e tres.
50	Mulheres que tiraõ feda, cincoenta.
60	Mulheres que fazem fruta de assucar, secenta.
23	Mulheres que fazem alfeloá, vinte tres.
24	Mulheres que fazem vezinhos, vinte e quatro.
28	Mulheres que fazem aletria, vinte e oito.
26	Farteleiras, vinte e seis.
23	Cuscuzeiras, vinte e tres.
27	Mulheres que fazem arroz, vinte e sete.
30	Conserveiras, trinta.
815	Fiandeiras, oito centas e quinze.
30	Estoupeiras, trinta.
25	Parteiras, vinte e cinco.
20	Cristaleiras, vinte.
140	Forneiras, cento e setenta.
782	Padeiras, sete centas, e oitenta e duas.
690	Regateiras da ribeira, seis centas e setenta.
900	Regateiras da porta, nove centas.
324	Lavandeiras, trezentas e vinte e quatro.
58	Biscouteiras, cincoenta e oito.
43	Manteigueiras, corenta e tres.

Adelas, corenta e huma.	41
Mulheres que trocem esparto, setenta e tres.	43
Envernizadeiras, oito.	8
Pescadeiras, quatro centas.	400
Escamadeiras, cincoenta.	50
Sardinheiras, corenta e cinco.	45
Galinheiras que vendem toda a caça, trinta e duas.	32
Medideiras de trigo, cincoenta.	50
Mulheres que joeiraõ trigo no terreiro, quinze.	15
Tripeiras, vinte e seis.	26
Mostardeiras, corenta e cinco.	46
Frigideiras, cento e dez.	110
Caeciras, cincoenta e duas.	52
Cambadeiras de ceitis, dez.	10
Mulheres que vendem cãdeas, secenta e duas.	62
Mulheres que vendem louça, duzentas e quatro.	204
Mulheres que vendem vidro, quinze.	15
Mulheres que daõ camas, trinta e seis.	36
Mulheres que escolhem lãa, dezaseis.	17
Enfermeiras, dez.	10
Mulheres que estilaõ agoas, vinte.	20
Mulheres que vendem ervas, e ortaliga, cento e cincoenta.	150
Mulheres que vendem agoas, vinte e seis.	26
Mulheres que vendem agoa na ribeira, quinze.	15
Mulheres que rapaõ pucaros, treze.	13
Mulheres que vendem palha, e cevada, vinte.	20
Mulheres que vendem pregos, dez.	10
Mulheres que fazem redes de pescar, trinta.	30
Mulheres que fazem confeições para o rosto, doze.	12
Mulheres que perfumaõ luyas, oito.	8

Mu-

9306

Mulheres que fazem cestos , nove.

Viuvas , mil e seis centas e trinta e duas.

Merceeiras , oitenta e huma.

Mulheres que pedem com caixa, vinte e duas

Mulheres sem officio , duas mil.

*Ainda que esta gente de officiaes atraz ,
homens , e mulberes sejaõ mais que os
vezinhos ; he porque entraõ com os offi-
ciaes os obreiros ; e com as mulberes as
filhas , e irmãas , que trabalhaõ para si,
e saõ officiaes.*

TEm Lisboa dez mil cazas , em que há de-
zoito mil vezinhos , sem a Corte , a fora que
entraõ cada dia naos , e há muitos mercadores
estrangeiros , e muita outra gente de fora , e as
mais das cazas saõ de dous , e tres , e quatro ,
e cinco sobrados.

Nestes dezoito mil vezinhos , há cem mil al-
mas , entrando nisto nove mil , e nove centos e
cincoenta escravos.

Tem Lisboa trezentas e vinte e oito ruas , é
cento e quatro travessas ; e oitenta e nove becos ;
e secenta e dous postos , que naõ saõ ruas.

E porque

910
9306
9
1632
81
2000
3050

18000

100000

E porque o principal intento de se mandar imprimir este Sumario, foy pera que vendose noutras terras se soubesse das muitas, e grandes esmolas, e outras obras pias, que se nesta Cidade fazem, e como he celebrado nella o culto divino em tantos, e taõ sumptuosos Templos, e cazas de Oraçaõ, como taõbem para se saber da grandeza, e povo de outras muitas Cidades do Mundo, a errada opiniaõ que se dellas tem, vendo a certeza desta. Pareceo que naõ seria desnecessario (como digo) para os estrangeiros, por se aqui o sitio, e descripçaõ della.

FOy chamada antigamente em tempo dos Romanos Olizipo, como o dizem escriptores antigos, entre os quais he hum delles Plinio; a qual entaõ naõ era mais que o alto da Cidade, que occupa em si hum grande Castello de cáva, e altas Torres, e huns Paços Reais, antigo edeficio, que discorrendo até o mar, ficaõ dentro na cerca sete freguezias, tudo cercado de forte muro, e torres de pedra de cantaria lavrada. Depois naquella gran destruiçaõ de Hespanha foy tomada dos Mouros de Africa, aos quais passados muitos annos a tomou El-Rey Dom Affonso Anriques primeiro Rey de Portugal. De entaõ pera cá sempre guardou este

este nome Lisboa, taõ nomeada, e conhecida por todo o Mundo habitada de Christãos. Foy cercada de Mouros pollos Reys de Portugal, como agora estaa. Começando da parte da terra mais Occidental estaa huma caza Real, edeficio antigo, onde os Martires Sam Verissimo, Maxima, e Julia, que em tempo dos Romanos confessando a fee, foraõ martirizados, e ahi sepultados, he chamado Santos. Daqui em pequena distancia mais ao Oriente chegando se aos muros, está o Mosteiro de Freiras de nossa Senhora da Esperança: mais acima estaa hum grande valle, que da egreja das Chagas que estaa no alto de hum grande monte que este valle faz, se chama o valle das Chagas. No qual monte, e valle há huma grande parte da Cidade novamente edeficada, occupado tudo com a mayor parte da freguezia dos Martires, e nossa Senhora do Loreto, e Ermida de Sam Roque, donde se dece para hum valle muito chegado aos muros de muitas hortas, que de huma antiga Ermida de Santo Antaõ do ermo he chamado o valle de Santo Antaõ, onde agora he o Mosteiro de Freiras da Anunciada, donde comessa outro monte cuberto de olivais; em cima do qual estaa a Ermida de Santa Anna. Daqui dece este monte estendendo se num campo em que pasta o gado que vem para a Cidade, com huma praça onde se mata. Junto desta praça estaa a egreja de Sam Lazaro, e ao pé da qual se faz outro valle tambem de muitas hortas, e pomares chamado o valle da Mouraria, porque quando foy a Cidade tomada aos Mouros, lhe foy consentido dos Christãos habitar

bitar nelle, dividido em duas partes, estaõ no meyo as Ermidas de Santa Barbora, e a dos Anjos, por onde de inverno corre hum pequeno rio, que depois de entrar na Cidade entra por hum cano real muy largo, atravessandoa toda até o mar, sempre por baixo da terra. Deste valle ao Oriente estaa outro monte mais alto que os outros occupado de alguns olivais, no alto delle estaa a Ermida de nossa Senhora do Monte, que por ser alto descobre grande parte da Cidade. Naõ longe daqui quazi na mesma altura dentro dos muros estaa o Mosteiro de nossa Senhora da Graça de frades de Santo Agostinho, e perto delle estaa o de São Vicente da mesma ordem, e hum antigo Collegio mudado ha pouco para outra Cidade. Daqui contra o Nordeste afastado hum pequeno espaço dos muros junto com o mar estaa o Mosteiro de Freiras de Santa Clara. Tornando para traz á Cidade, tambem junto do mar estaa a Ermida de nossa Senhora do Paraizo. Desta Ermida até onde disse chamar-se Santos he a Cidade cercada de mar lavados os muros, e cazas della da mesma agoa que traz já em si o rio Tejo metido nella por espaço de doze legoas de largura no espaço que está defronte á Cidade seis mil passos; e todo o mais onde a maré chega, he quazi desta largura, ou pouco menos, cuja mansidão de agoas, e outras vezes braveza, às cazas que tem defronte faz fazer muy aprazivel vista occupadas sempre com muitas, e grossas naos, e navios assi estrangeiros, como do Reyno. He Lisboa de comprido tres mil e cem passos. He de largo mil e quinhentos. Tem de cerco em roda sete mil passos, que por ser edificada

ficada em lugares altos, e baixos, não foy facil descreverse sua figura, nem he possivel ver-se toda de huma parte. Tem da parte do mar vinte e duas portas, e de terra dezaseis, e por todo o muro setenta e sete torres.

De muitas cazas de homens particulares, e de outros edeficios que há dentro dos muros não fallo, porque seria não uzar da brevidade, que até aqui tenho guardado, porém de alguns direy, que fazem ventagem. Primeiramente vindo da terra pollo valle de Santo Antão, entraõ na Cidade polla porta de Santo Antão assi chamada do mesmo Santo, em muy pequena distancia entraõ em hum grande recio, que tem de comprimento quatrocentos passos, e de largo duzentos e dez. A' mão esquerda deste recio contra o Oriente estaa a egreja de nossa Senhora da escada, e o Mosteiro de São Domingos, e da mesma parte proseguindo na mesma ordem, estaa aquelle muy grande, e sumptuozo edeficio sprital de todos os Santos edeficado em trinta e cinco arcos (da parte do recio) em cima quatro lanços de celas em coadradentro em si tem pateos, e hortas, e huma grande egreja. Da parte da mão direita estaa outro edeficio Real, feito pollo Infante Dom Pedro, sendo Regedor do Reyno por El Rey Dom Affonço o quinto seu sobrinho, apozento deputado para gazalhado dos Embaixadores estrangeiros; assi fica todo este recio cercado destes edeficios, e outras cazas; e em lugar alto tambem á mão direita estaõ o Mosteiro da Trindade, o dos Carmelitas, o de São Francisco.

Deste

Deste recio querendo hir para o mar, entraõ
 na rua nova del Rey, comprida, e direita, rua
 que vay dar na grande rua nova dos mercado-
 res, que por ser na principal parte da Cidade,
 e junto do maar ao longo delle, he onde con-
 correm todos os mercadores, e toda a mais gen-
 te de trato, que tem de comprido duzentos
 passos, e de largo vinte, e sabe-se que rende
 em alugueres de cazas oitenta mil cruzados. No
 cabo desta rua ao Oriente estaa a Alfandega
 velha, onde se recolhe mercadoria, que tem
 diante huma praça em que continuamente estaõ
 doze escrivães com mezas, escrevendo com li-
 cença da Cidade, fazem todas as cartas, e pe-
 tições, e toda a maneira de escritura a quem
 por isso lhe daa algum premio. Perto desta caza
 mais ao Oriente estaa a egreja da Misericordia,
 caza grande, e magnifica, e muito perto pegado
 com o maar, estaa a caza do terreiro do trigo,
 grande, e fermoso edificio, posto em trinta e dous,
 repartido em duas partes, tem oitenta cazas onde
 se recolhe todo o paõ, de que se prove a Cidade,
 e o mais do termo. Detraz deste edificio mais ao
 maar estaa a Alfandega nova, caza nobre, e muito
 custoza, por ser edificada sobre o maar com cazas,
 e logias onde se recolhe a mais da mercadoria de
 panos, e sedas que vem de fóra, e ahi se pagaõ os
 direitos a El Rey, e na mesma estancia estaa a ca-
 za da Supricaçaõ, e diante della huma grande pra-
 ça onde se vende o peixe, e carne, e todas as mais
 couzas necessarias. Da qual praça fay hum grande
 recio, que tem de comprido seis centos e vinte
 passos, e de largo duzentos e dez, que da parte

contra o Oriente bate o maar nelle, e do Occidente, e Norte he cercado de grandes, e altos edeficios, todos numa mesma ordem, que saõ a caza de Cepta, a caza da India, os Paços, onde os Reys vivem, e ahi junto se faz agora de novo outra caza da India, Feitoria de Frandes, edeficio muy noble, que parece que acabado será hum dos melhores. Defronte estaa o Almazem do Reyno, o mais provido, e bastecido de todo o genero de armas, e artelharia que dizem naõ aver outro, em q̄ há quarenta mil corpos de armas para quarenta mil infantas, e tres mil armaduras inteiras de homens de cavallo.

Tem esta Cidade da parte da terra de fóra dos muros a meya legoa, e a terço de legoa seis centas quintas, e de termo trinta legoas em roda, e duzentos lugares todos debaixo de sua jurdição. He de ares muy temperados, veraõ, e inverno, de muy sadio sitio, de muito boas agoas em abastança: estaa no fim do quartoplima em trinta e nove grãos, pouco menos, que he o mais temperado do habitado.

SUPPLEMENTO

A O

SUMMARIO

DAS NOTICIAS DE LISBOA,

que comprehende o estado presente.

P O R

MANOEL DA CONCEIÇÃO.

A Freguezia de Santa Justa da Cidade de Lisboa he huma das primeiras, que se crearaõ na dita Cidade, depois que foi restaurada do poder dos Mouros no dia 25 de Outubro de 1147. porque no de 1183. consta, que já havia a Igreja de Santa Justa, e que era Parochia, a que naquelle tempo se destinou mayor porção de territorio do que a alguma das outras Parochias; porque tendo principio pouco mais abaixo da mesma Igreja pela parte do Sul, fazia a sua divisaõ no rumo de Noroeste pela rua chamada de Mestre Gonçalo, calçada do Duque, e pelos sitios, onde agora estaõ fundados os Conventos de S. Roque, e de S. Pedro de Alcantara, e pela rua, ou estrada, que vay aos altos de Campolide, de cujo sitio retroceden-
do

do para o Nascente, continuava pelo campo pequeno até onde chamaõ a Portella acima de Arroyos, e voltando dalli para o Sul, continuava pelo sitio, onde agora está o Convento de Penha de França, Ermida de nossa Senhora de Monte agudo, Convento da Graça, postigo de Santo André, costa do Castello da parte do Norte, e por junto das portas da Mouraria, vinha a fechar o seu circuito por detraz da Capella mór da mesma Igreja em pouca distancia.

Perto de quatro centos annos foi todo aquelle territorio sujeito a esta Freguezia até o anno de 1551. e dalli por diante se foraõ creando de novo as Freguezias que nelle ha, a saber.

1 A Freguezia de S. Joseph, que antes era huma Ermida do orago do mesmo Santo, de que eraõ senhores os officiaes dos officios de carpinteiro, e pedreiro, como ainda hoje o saõ, naõ obstante o ser Parochia.

2 A Freguezia de S. Sebastiaõ da Pedreira, que foi creada na Ermida que alli havia do orago do mesmo Santo, e invicto Martyr.

3 A Freguezia de nossa Senhora da Pena teve seu principio na Igreja do Convento das Freiras de Santa Anna, que muitos annos servio de Parochia áquelles freguezes, até que estes fizeraõ edificar a nova Igreja que alli perto se vê primorosamente ornada pela parte interior, ainda que pela exterior naõ está totalmente acabada.

4 A Freguezia de nossa Senhora dos Anjos creada na antiga Ermida do mesmo titulo, sita no caminho de Arroyos.

5 A Freguezia de nossa Senhora do Socorro sita junto ao Collegio de Santo Antaõ da Companhia de Jesus, e antigamente lhe servio de Parochia a Ermida de S. Sebastiaõ, hoje nossa Senhora da Saude junto ás portas da Mouraria, em quanto durou a fabrica da nova Igreja, que pelos annos de 1650. se andava edificando, e hoje se vê primorosamente acabada.

Estas cinco Freguezias foraõ creadas dentro no districto, que antigamente todo era da Freguezia de Santa Justa.

6 Da Freguezia de Santo Estevaõ de Alfama se extrahio, e creou de novo a Freguezia de Santa Engracia, ou nossa Senhora do Paraizo, erecta na Ermida do mesmo titulo, sita junto ás portas da Cruz, e comprehende esta Parochia todo aquelle districto dos muros para fóra até o sitio de Xabregas.

7 A Freguezia do Santissimo Sacramento se creou em huma parte do territorio, que antigamente pertencia á Freguezia de S. Nicolao, e principiando sua divisãõ desde a porta travessa da Igreja do Carmo até o Chiado, e pela rua direita da parte do Norte até ás portas de Santa Catharina, e por dentro da muralha, chegava ao postigo de S. Roque, e calçada do Duque: no fundo da mesma calçada, e da que vem do adro do Carmo fecha o seu circuito.

cuito. Teve principio na Igreja da Santissima Trindade, onde existio muitos annos, até que aquelles freguezes se resolverão a fazer Igreja separada junto ao Chiado no sitio, onde antigamente havia humas propriedades de casas, de que eraõ senhores, e donos os Excellentissimos Condes de Valladares, que voluntaria, e gratuitamente as deraõ para alli se fundar a Igreja, e em reconhecimento de taõ generosa liberalidade ficaraõ sendo os senhores daquella casa juizes perpetuos da Irmandade do Santissimo Sacramento, que se trasladou para a nova Parochia pelos annos de 1680. pouco mais, ou menos: he esta Igreja hum dos mais adornados Templos, que tem a Corte.

8 A Freguezia de nossa Senhora da Conceiçaõ tambem se creou depois do anno de 1551. por ordem do Cardeal Rey D. Henrique. Foi estabelecida naquellas partes, que se tiraraõ das freguezias de S. Juliaõ, e da Magdalena, servindolhe de Parochia a Igreja dos Freires da Ordem de Christo do mesmo orago da Conceiçaõ, que havia mandado fazer o Senhor Rey D. Manoel; e como pelo tempo adiante houvesse algumas dissensoes entre os mesmos Freires, e os freguezes, tomaraõ estes a resoluçaõ de fazer Igreja separada, que he a que hoje se vê situada na rua nova dos Ferros, e acabada na ultima perfeiçaõ pelos annos de 1730. havendose-lhe dado principio no de 1697.

9 A Freguezia de S. Paulo tambem se creou depois do referido anno de 1551. naquelle districto da praya do Remolares até á boa vista, que

que antigamente pertencia todo á Freguezia dos Martyres.

IO A' mesma Freguezia de nossa Senhora dos Martyres pertencia tambem todo aquelle territorio até a ponte de Alcantara, que hoje occupa a Freguezia de Santos, cuja Igreja se vê fundada no proprio sitio, onde antigamente esteve o Convento de Cômendadeiras da Ordem Militar de Santiago, q' alli havia fundado o Santo Rey D. Afonso Henriques em honra dos Santos Martyres irmãos, Verissimo, Maxima, e Julia, que no mesmo sitio padecerão martyrio pela fé pelos annos de 307 imperando no Imperio Romano aquelles tyrannos, e cruéis inimigos do nome Christão, Diocleciano, e Maximiano. Naquelle sitio permaneceu o antigo Convento por mais de 300 annos até que o Senhor Rey D. João o II. fundou de novo o que hoje existe, situado junto do caminho, que vai de Lisboa para Xabregas, e por ordem do mesmo Rey se mudaraõ para elle em procissaõ as Cômendadeiras, em dia de S. Miguel 29 de Setembro de 1490.

Passados cem annos, pelos de 1600. pouco mais, ou menos se creou no mesmo sitio do Convento antigo a nova Freguezia, que a este respeito se chama de Santos o velho, em cuja Igreja foi bautizado o Eminentissimo Cardeal D. Verissimo de Lancaastro no anno de 1616.

II Pelos annos de 1560. pouco mais, ou menos, se deo principio á Freguezia de Santa Catharina do monte Sinai, creada á instancia da Senhora Rainha Dona Catharina, viuva del Rey D. João o III. quando governava este Reyno na

menoridade do Senhor Rey D. Sebastião seu neto. Foi erecta na Ermida, que a mesma Rainha poucos annos antes tinha mandado edificar naquelle monte, que ficou quasi sendo semelhante ao mui celebrado sacro monte Sinai da Arabia Petrea, porque se naquelle se venera o sagrado sepulchro, onde por mãos dos Anjos foi sepultado o santo corpo daquelle portento da santidade, e sabedoria a Virgem Martyr, e Doutora Santa Catharina, neste se respeita, e venera com mais reverente culto o sagrado Templo, em que se vê collocada a sua santa imagem. São senhores, e administradores perpetuos desta Igreja os officiaes, e mestres do officio de livreiro, a quem a mesma Rainha fez mercê della juntamente com a regalia de apresentarem os Padres da obrigação daquella Parochia, a saber hum Cura, tres Coadjuutores, e hum Thesoureiro. O districto, em que se estabeleceo, era antigamente da Freguezia do Loreto, e alguma parte se lhe agregou tambem da Freguezia dos Martyres naquella parte das ribanceiras, que ficam fronteiras ao mar.

12 A Freguezia de nossa Senhora das Mercês se creou em huma Ermida, de que eraõ senhores os ascendêtes do Secretario de Estado Sebastião Joseph de Carvalho, e Mello, e elle mesmo he ainda hoje senhor da Capella mór da mesma Igreja, que haverá cem annos foi erecta em Freguezia, sendo a mais pequena de todas as que de novo se crearaõ depois do anno de 1551, porque foi estabelecida em huma pequena parte do territorio, que antigamente era da Freguezia do Loreto, e alguma cousa da de Santa Catharina.

13 A Igreja da Capella Real dos Paços da Ribeira começou a servir deste honorifico ministerio no anno de 1581. e sendo depois elevada á suprema dignidade, e primazia de Basilica Patriarcal por Bulla do Papa Clemente XI. expedida em 7 de Novembro de 1716. foi ao mesmo tempo erecta em Parochia de toda a familia do Paço, que antigamente era da Freguezia de S. Juliaõ.

14 A grande Freguezia de nossa Senhora da Incarnaçaõ, que por muitos motivos merece o titulo de grande, tanto pela magestosa grandeza de seu Templo, como pela situaçaõ do territorio, que comprehende o seu districto com copioso numero de freguezes, se vê situada naquella paragem por onde antigamente corria o muro da Cidade do segundo recinto, que mandou fazer o Senhor Rey D. Fernando pelos annos de 1375. de cujas muralhas se deixaõ ver ainda no tempo presente alguns vestigios. Naquelle sitio pois junto, onde era huma das portas da Cidade, chamada de Santa Catharina, se edificou este sumptuoso Templo, que mandou fazer á custa de sua fazenda a Illustrissima, e Excellentissima Condeça de Pontivel Dona Elvira Maria de Vilhena, depois q̄ ficou viuva do Excellentissimo Conde Nuno da Cunha, que falleceo no anno de 1697. e logo no de 1698. fez aquella insigne bemfeitora dar principio á nova Igreja, para onde se trasladou o Sacramento dalli a dez annos no de 1708. em 8 de Setembro, e dalli a outros dez annos no de 1718. falleceo a Illustrissima Condeça fundadora, tendo o gosto, e consolaçaõ de ver em seus dias concluida aquella

grande obra, eterno padraõ da sua generosa liberalidade, pelo que piamente devemos suppor, que quem fez casa para Deos, o mesmo Senhor lhe havia de recompensar esta piedosa acção, dando-lhe por premio a bemaventurança.

O territorio desta Freguezia todo foi antigamente da Freguezia de nossa Senhora do Loreto, cuja Igreja havia sido huma Ermida da vocação de Santo Antonio, e depois sendo erecta em Parochia no anno de 1518. á instancia dos Italianos, attendendo estes á grande devoção, que tem a santa casa do Loreto, que se venera em Italia, quizerão que esta nova Parochia tivesse o mesmo titulo do Loreto, e que della fossem freguezes todos os seus nacionaes, ainda que fossem moradores em outra qualquer Freguezia desta Cidade de Lisboa, e a mesma Igreja servia tambem de Parochia a todos os Portuguezes, que eraõ moradores dentro dos limites. que comprehendia o seu districto. Nesta uniforme uniaõ se conservaraõ 133 annos até o tempo, em que succedeo o fatal incendio, que abrazou aquella Igreja, reduzindo-a a cinzas em huma quarta feira de trévas de 1651. e ficando por esta desgraça huns, e outros freguezes sem Parochia, procuraraõ os Portuguezes por asylo o Convento da Santissima Trindade, onde existiraõ alguns annos, e depois no Recolhimento das Convertidas, e ultimamente fizeraõ assento na Ermida de nossa Senhora do Alecrim, que lhe servio de Parochia até o dia 8 de Setembro do referido anno de 1708. em que dalli se trasladou o Sacramento para a nova Igreja de nossa Senhora da Incarnação, havendo 190 annos, que
naquelle

naquelle deftricto se havia creado a Freguezia do Loreto, cujo territorio pertencia antigamente á Freguezia da Sé, e alguma parte á Freguezia dos Martyres.

Os Italianos logo depois do succedido incendio foraõ cuidando na reedificaçaõ da sua Igreja do Loreto, que fizeraõ de novo, e he a que hoje se vê edificada no mesmo sitio, onde havia sido a primeira. He hum dos Templos mais magnificos, e bem ornados, que tem a Corte. Serve sómente de Parochia aos Italianos: acabouse pelos annos de 1680.

*Noticia da fundação da nova Freguezia.
de Santa Isabel.*

15 Todo aquelle territorio, que fica situado desde o limite, onde agora he a fabrica da feda até a ribeira de Alcantara, se chamava antigamente Campolide, nome, que conservou por mais de 300 annos desde o tempo, em que nelle esteve acampado ElRey de Castella D. Joaõ o 1. quando no anno de 1384. veyo sitiar Lisboa, que valerosamente defenderaõ os Portugezes commandados pelo Mestre de Aviz, aquelle sempre bem afortunado, e ditoso Principe, que por suas raras virtudes, e heroico valor se fez merecedor de que os mesmos Portuguezes no anno seguinte o acclamassem Rey de Portugal, D. Joaõ o I. do nome. Como naquelle campo, em quanto durou o sitio, houve entre huns, e outros contendores muitos encontros, e escaramuças, (a que naquelle tempo chamavaõ lides) se ficou chamando dalli
em

em diante a todo este territorio Campolide, cujo nome hoje conserva sómente naquella parte, que fica desde a ribeira de Alcantara até á quinta de S. Joaõ dos Bem Casados, e dalli até a fabrica da seda se chama do Rato, nome, que se lhe derivou da alcunha de hum Fidalgo, que sendo senhor daquelle sitio, fundou nelle hum Convento, que muitos annos esteve deserto, salvo quando servio de Hospital aos soldados Inglezes, que no anno de 1704. passaraõ a este Reyno em companhia do Archiduque Carlos, que se intitidou Rey de Castella, Carlos III. do nome, cuja posse não chegou a lograr; mas por morte de seu irmaõ o Imperador Joseph lhe succedeo no Imperio, e foi Carlos VI. do nome Imperador de Alemanha. Retirados os Inglezes, ficou o Convento deserto, como tambem o era todo aquelle territorio, porque fóra da quinta de S. Joaõ, a penas se via nelle algum casal, até que no anno de 1721. vieraõ povoar o dito Convento as Freiras, que hoje o habitaaõ, Trinas calçadas; e ainda que lhe impuzeraõ o titulo de nossa Senhora do Remedio de Campolide, he menos conhecido por este nome, do que pelo do Rato, de que vulgarmente se chama, derivado de seu fundador. Depois do referido anno de 1721. se foi povoando em varias partes aquelle territorio, onde tambem se edificou depois a Real fabrica da seda, a que se deo principio pelos annos de 1730. Vendose crescer em numero os moradores daquelle districto, entraraõ na pertençaõ de crear nelle huma nova Freguezia; e como esta se havia de compor das partes, que se haviaõ de tirar das Freguezias de S. Sebastiaõ da Pedreira,

San-

Santa Catharina, e de Santos, os Parocos destas se oppuzeraõ á pertençaõ daquelles moradores, impugnando fortemente a creação da nova Parochia, ou Freguezia, naõ querendo consentir, se defanexassem do seu rebanho aquellas ovelhas, sem attenderem ao grande descommo, que lhes causava o ficarem taõ longe de suas Parochias. Porém considerando o Eminentissimo Senhor Cardinal Patriarca D. Thomaz de Almeida a justa pertençaõ daquelles moradores, mandou de seu moto proprio crear no sitio do Rato a nova Freguezia de Santa Isabel Rainha de Portugal, decretando para a sua erecção o dia 15 de Mayo de 1741. em que teve principio a administração dos Sacramentos para os freguezes daquela nova Parochia estabelecida em huma Ermida, que poucos annos antes havia alli mandado fazer Ambrosio Lopes, que ainda neste anno de 1754. serve do mesmo ministerio, e servirá até que seja acabada a nova Igreja, que alli perto se está edificando.

O circuito desta Freguezia principia do Convento do Noviciado da Companhia até o sitio chamado Moinho do vento, e dalli pelas terras da Cotovia vai dar á rua nova de S. Bento defronte da porta do carro, e pela mesma rua abaixo chegando ao canto da horta, que fica defronte do Convento, volta pela calcada acima, e por entre os muros chega até á Estrella, e dalli ao longo do muro da quinta de D. Joaõ vai á cruz de Buenos Ares, e dalli em direitura ao canto da terra dos Padres das Necessidades, vai descahir á horta na via na ribeira de Alcantara, e pela corrente desta affima por huma, e outra parte chega
poucos

pouco mais affima dos arcos das aguas livres, e por junto do chafariz de Campolide continûa por aquelle monte affima até o mais alto delle, e defcchando por val de Pereiro, vem a fechar no muro da cerca da casa do mesmo Noviciado da Companhia no cimo da rua do Salitre. Este he todo o territorio, que comprehende esta Freguezia, em que actualmente se vaõ fabricando de novo muitas, e nobres casas, com que daqui a poucos annos será huma das mais opulentas do Lisboa.

Do aqueducto de aguas livres, que passa pelo territorio, e limite desta Freguezia, será conveniente, se dê aqui huma succinta, e breve noticia.

NO anno de 1619. vindo a este Reyno El Rey D. Philippe III. de Castella, e II. de Portugal, que entaõ lhe era unido, lhe representou o Senado da Camara de Lisboa o muito, que seria conveniente fazer conduzir a esta Cidade das aguas livres hum copioso manancial dellas, que tem seu nascimento junto da Villa de Bellas distante de Lisboa duas legoas, onde aquelle Monarca foi pessoalmente examinallo; e convindo na proposta, mandou que logo se desse á execuçaõ o projecto, e com effeito no mesmo anno se lhe deo principio; mas com a pouca duraçaõ da vida daquelle Principe fallecido em 31 de

de Março de 1621. espirou com elle o desígnio, com que se tinha emprendido aquella grande obra ficando sepultada no esquecimento por espaço de 110 annos; até que chegando o tempo do feliz Reynado do nosso Augusto Monarca o Senhor Rey D. João o V. de memoravel recordação se tornou a mover a pratica de fazer conduzir a Lisboa as aguas livres, o que finalmente veio a ter o pretendido, e desejado effeito, dando-se principio a esta muito precisa, e sempre utilissima obra no anno de 1730. arbitrando-se para a despeza de sua construcção o tributo do novo imposto de 5 reis por arratel de carne, 5 reis por canada de vinho, e 10 reis por canada de azeite, com o producto deste moderado tributo se tem feito, e vai fazendo esta obra em que se tem despendido milhoes de cruzados.

Compoemse este grande Aqueducto de duas grossas paredes, que tem de grosso 4 palmos cada huma de alvernaria, firmadas sobre fundos alicerces, e continuadas até a altura onde faz principio a volta do arco de tejolo, de que he formada toda a abobeba, cujo vão tem de altura 13 palmos, e de largo 7 vem em partes por baixo do chão largas distancias, minandose para isso alguns montes em grande altura, e nos valles, e quebradas, que se oppoem á sua conducção, vem sobre arcos de cantaria, e conduzidas as aguas por dous canos abertos em pedra liós, feitos á feição de meya laranja, e assentados ao nivel pela face interior das paredes da mesma abobeda, e por entre hum, e outro cano vai huma coxia lageada, que fórma hum agradavel passeio, e mui conveniente

S

para

para por elle se observar alguma damnificaçãõ, que por tempos possa haver nos mesmos canos, e abobedas.

No principio de Fevereiro de 1739. a tempo, que havia nove annos se tinha dado principio áquella obra, se achava taõ adiantada, que estava já acabado todo o lanço della desde seu principio até o sitio da quinta de Joaõ Federico, onde ao mesmo tempo se andava minando aquelle grande monte, que dalli se dilata até defronte do Convento de S. Domingos de Bemfica, e na planicie do alto, que fica ao Poente da ribeira de Alcantara, estava já principiado outro lanço, e naquelle mesmo anno se abriraõ, e encheraõ os caboucos para o fundamento dos grandes arcos, que occupãõ a quebrada desde o principio da ladeira até ao rochedo, e despenhadeiro, que fica da parte do Nascente da mesma ribeira, e quando foi em Janeiro de 1740. se achavaõ já alguns pilares com as primeiras fiadas de cantaria assentadas, e toda aquella maquina de arcos se fabricou no tempo de cinco annos, e meyo, acabandose de fechar os ultimos no mez de Agosto de 1744. fazendose neste mesmo tempo todo o mais lanço de obra, que dalli continûa até o sitio do Rato, onde se fez o chafariz de pao, em que começou a correr agua em dia de S. Francisco 4 de Outubro do mesmo anno de 1744.

Os arcos do sitio de Alcantara saõ trinta e cinco, a saber 18 formados de volta redonda situados na planicie do alto ao Poente da ribeira, e 11 fechados de ponta de extraordinaria grandeza, que occupaõ a distancia das ladeiras, que de huma,
e outra

e outra parte da mesma ribeira descem para o mais fundo della, sobre cuja corrente fica o mayor arco, que tem de altura 342 palmos, e no fim da ladeira da parte do Nascente ficaõ mais 3 de volta redonda como os primeiros, que por todos fazem o numero dos 35 continuados naquelle districto, que faz a distancia de mais de hum quarto de legoa de hum a outro monte, cujo lanço de obra tem de largura nos pilares dos arcos, e paredes de cantaria, que com elles confinaõ, 32 palmos de face a face, sobre os quaes por hum, e outro lado do aqueducto corre huma varanda da largura de 10 palmos, e pelas suas extremidades tem hum peitoril de altura de 5 palmos, e hum, e meyo de grosso, e entre o mesmo peitoril, e as paredes do aqueducto ficaõ huns passadiços de 6 palmos, e meyo de largo, tudo obra de cantaria, e fortissima.

Todo o corpo do aqueducto com vaõ, e paredes occupa 15 palmos de largo desde o seu nascimento atè o principio daquellas varandas, e destas para diante continúa com a mesma largura. Tem mais 4 arcos de volta redonda no valle do Carvalhaõ, e no sitio do Rato II da mesma estrutura, que saõ obrados com mayor primor da arte de cantaria escodada.

Nos dous chafarizes, que depois se fizeraõ, hum defronte da fabrica da seda no canto da cerca dos Padres da Companhia, e o outro, que fica defronte do adro de S. Pedro de Alcantara, começou a correr a agua em 8 de Setembro deste presente anno de 1754. por canos de repucho, que principiaõ no limite do chafariz do Rato.

Sendo aquelles chafarizes feitos, e obrados com todo o esmero, e primor da arte, poderiaõ ainda fer muito melhores, se tivessem a circumstancia da boa serventia para o povo, e melhor aproveitamento das aguas, pondose-lhe em lugar dos tanques, que ficaõ no pavimento alto, huns taboleiros á imitação dos que se usaõ nos lavatorios das sacristias, que occupassem toda aquella frente; em que estaõ as bicas, e com largura proporcionada á corrente das mesmas, assentados sobre pilares, e em abobedas na face do edificio em altura conveniente á boa serventia do povo, para este com melhor commodidade se poder aproveitar das aguas, pondo as vasilhas a encher sobre o pavimento dos mesmos taboleiros, tendo estes, seus fumidouros, que dem sahida aos sobejos das aguas para os tanques, que ficaõ embaixo no pavimento da terra, cujos tanques só alli saõ taõ precisos, e convenientes, como em cima desnecessarios, e inuteis, onde só servem de embaraçar a serventia do povo, e desperdiçar as aguas, que sobejaõ; porque não podendo o povo encher as vasilhas sem subir sobre as bordas dos tanques, toda a agua, que nelles cahe, fica enlodada, e suja das immundicias dos pés, quando toda se póde aproveitar limpa, usando do regresso dos taboleiros em lugar dos tanques, evitandose com esta utilissima prevençaõ o desperdicio de huma agua, que tanto cabedal tem custado para se conduzir áquelles chafarizes, onde he pena o valle não só mal aproveitada, mas ainda a mayor parte della perdida.

*Conventos de Religiosos , e Religio-
sas , que se fundaraõ na Cidade de
Lisboa , e seus suburbios , desde o
anno de 1551. até o presente de
1754.*

Conventos de Frades.

NO sitio junto da ponte , e ribei-
ra de Alcantara, e pouco distante do
caminho , que vai de Lisboa para
Belém, na Freguezia de Santos se edificou no an-
no de 1613. huma Ermida , a que deraõ principio
os homẽs do mar, em que collocaraõ a devota ima-
gem da invocação de nossa Senhora das necessida-
des , que daquelle tempo em diante ficou sendo
o objecto da devoção , naõ só dos moradores de
Lisboa , mas tambem das pessoas Reaes , que em
todos os sabbados do anno costumaaõ visitar aquel-
la soberana Senhora a quem tributaõ reverentes
cultos , e Reaes obsequios , a cuja devoção deo
principio o catholico zelo do Senhor Rey D. Joaõ
o IV. e continuada em seus Reaes descendentes ,
ainda hoje existe com o mesmo zelo na Magestade
de seu Augusto bisneto , o nosso Fidelissimo Mo-
narca D. Joseph I. Cento , e trinta annos perma-
neceo aquella Ermida em seu primeiro , e humilde
edificio , até que no de 1743. se deo principio á
obra

obra do magestoso Convento, e Collegio, que no mesmo sitio fundou a Real grandeza, e piedade do Fidelissimo Rey D. Joaõ o V. de saudosa memoria, querendo com esta Regia acção fazer huma demonstraçõ de agradecido aos muitos beneficios recebidos pela intercessãõ desta soberana Senhora, especialmente depois que no dia de quinta feira 10 de Mayo de 1742. o acometeo aquelle terrivel accidente, que o deixou privado dos sentidos, mas restituído a elles, e implorando o piedoso patrocínio desta soberana Advogada, logo no dia seguinte mandou lhe trouxessem aquella milagrosa imagem para a sua camera, considerando como catholico, que em a ter na sua companhia, tinha nella o forte escudo, com que havia rebater os violentos assaltos, que o haviaõ de acometer, como acometeraõ em certos tempos no decurso de 8 annos 2 mezes, e 21 dias de sua penosa doença, que sendo excessivamente importuna, naõ o privou do cuidado, que sempre teve de fazer continuar com vigor na obra do novo Convento, que quasi se acabou ao mesmo tempo, que finalizou a vida de seu Regio fundador em 31 de Julho de 1750. em cujo anno começou a ser habitado pelos Padres do Oratorio, e Congregaçãõ de Saõ Filippe Neri, a quem o mesmo defunto Monarca em sua vida tinha feito mercê do mesmo Convento, e Collegio, e da grande cerca, que lhe annexou, mandando murar o seu terreno, com a condiçãõ de terem alli actualmente escolas publicas de ler, e escrever, e contar, e Grammatica, e aulas de Filosofia, e Theologia, o que tudo hoje pontualmente

mente se observa em grande utilidade dos moradores daquelle districto. Contiguo á Igreja do Convento mandou o mesmo Monarca fundador edificar hum nobre Palacio, em que de presente faz a sua assistencia o Serenissimo Senhor Infante D. Manoel, e no plano, que lhe fica defronte, se edificou no mesmo tempo hum soberbo chafariz, a que servem de bicas 4 medonhas carrancas de pedra, e do centro destas se levanta huma piramide de pedra, que tira para cor de vermelho, feita á feição de obelisco de bastante altura, cujo remate se vê ornado com huma estrella, ou alcachofra de bronze.

A sagrada imagem da Senhora das Necessidades, que desde o dia 11 de Mayo de 1742. estava no Paço, foi levada dalli para a sua renovada Igreja do novo Convento no dia 19 de Abril (que foi segunda feira de Prazeres) de 1751. em solemne procissão, que acompanharaõ El Rey nosso Senhor, e os Senhores Infantes com a mayor parte da Corte,

2 O Convento de S. Francisco de Paula na mesma Freguezia de Santos, onde teve seu principio no anno de 1717. com o titulo de Hospicio, em cujo estado se conservou até o anno de 1753. em que sua Magestade, que Deos guarde, por decreto seu o fez reduzir a Convento, em que actualmente se trabalha na construcção d'elle, primeira fundação no anno de 1717.

3 O Convento de S. João de Deos na mesma Freguezia de Santos, fundado no anno de 1629.

4 O Convento de nossa Senhora dos Re-
me

medios de Carmelitas descalços, situado junto da Parochia de Santos, fundado no anno de 1582.

5 O Hospicio de nossa Senhora do Livramento de Religiosos Trinos, sito junto da ponte de Alcantara na Freguezia de Santos, fundado em 1679.

6 O Hospicio de Barbadinhos Francezes da Ordem de S. Francisco, junto á Cruz da Esperança, fundado no anno de 1648.

7 O Convento de S. Bento dos Negros, sendo o seu sitio antigamente da Freguezia de Santos, he hoje da Freguezia de Santa Isabel, depois que esta se creou de novo no anno de 1741. foi fundado no anno de 1598.

8 O Collegio de nossa Senhora da Estrella da mesma Ordem Benedictina fica no districto da nova Freguezia de Santa Isabel, foi fundado no anno de 1572.

9 O Convento do Senhor Jesus da Boa Morte, fica no mesmo districto da Freguezia de Santa Isabel Rainha de Portugal, teve a sua fundação principio no anno de 1736.

10 O Collegio, e Casa de Noviciado dos Padres da Companhia, sendo da Freguezia de S. Joseph, ficou hoje no extremo da nova Freguezia de Santa Isabel, fundouse no anno de 1579. e foi povoado de noviços no anno de 1619.

11 O Convento de nossa Senhora de Jesus da terceira Ordem regular de S. Francisco, sito na Freguezia de Santa Catharina de monte Sinai, foi fundado, ou povoado no anno de 1623.

12 O Convento do Santissimo Sacramento da Ordem de S. Paulo, situado na calçada do
Com-

Combro, Freguezia de Santa Catharina, foi fundado no anno de 1647.

13 O Hospicio de S. Joaõ Nepomuceno, situado abaixo do monte de Santa Catharina, fundação da Senhora Rainha Dona Marianna de Austria, he de Carmelitas descalços Alemaes, em cuja Igreja se depositou o corpo da mesma Rainha fundadora em 16 de Agosto do anno presente de 1754. e havia falecido em 14 do dito, foi fundado no anno de 1737.

14 O Convento, ou Casa da Divina Providencia na Freguezia de nossa Senhora das Mercês foi fundado no anno de 1653.

15 O Collegio de S. Pedro, e Saõ Paulo de Clerigos Inglezes na mesma Freguezia de nossa Senhora das Mercês, fundado no anno de 1632.

16 O Convento de S. Pedro de Alcantara da Provincia dos Arrabidos na Freguezia de nossa Senhora da Incarnação, fundado no anno de 1682.

17 O Convento de S. Roque, Casa professa da Companhia, fundado no anno de 1551.

18 O Hospicio de Santa Joanna junto ao chafariz do bairro de Andaluz, da Ordem de S. Domingos, fundado em 1700.

19 O Hospicio do Carmo do Maranhão na Freguezia de S. Joseph, fundado em 1745.

20 O Hospicio dos Padres Mercenarios do Maranhão, junto á cerca dos Capuchos, na Freguezia de S. Joseph, fundado em 1748.

21 O Convento de Santo Antonio dos Capuchos na Freguezia de nossa Senhora da Pena, fundado no anno de 1570.

- 22 O Hospicio, ou Seminario da Missão de S. Vicente de Paulo, no sitio de Rilhafolles, fundado no anno de 1717.
- 23 O Hospicio de nossa Senhora do Deserto dos Padres Bernardos, fundado no anno de 1591.
- 24 O Convento de Penha de França da Ordem de Santo Agostinho, na Freguezia dos Anjos, fundado no anno de 1599.
- 25 O Hospicio dos Barbadinhos, junto a Santa Apollonia, na Freguezia de Santa Engracia, ou nossa Senhora do Paraizo, fundado em
- 26 O Collegio, ou Seminario de S. Francisco Xavier na dita Freguezia de Santa Engracia, fundado em
- 27 O Seminario de Santa Catharina, na Freguezia de S. Bartholomeo em
- 28 O Collegio dos Mininos Orfaõs junto á Mouraria, Freguezia de nossa Senhora do Socorro, fundado no anno de
- 29 O Seminario de S. Patricio dos Padres da Companhia, na Freguezia de S. Mamede, fundado no anno de 1593.
- 30 O Collegio do Espirito Santo na rua nova de Almada, Freguezia de S. Nicolao, cuja Igreja teve principio no anno de 1270. reformou-se no de 1514. e o Convento se fundou no anno de 1671.
- 31 O Convento da Boa Hora de Agostinhos descalços, na Freguezia de S. Juliaõ, fundado no anno de 1674.
- 32 O Convento do Corpo Santo de Dominicanos, na Freguezia de S. Paulo, fundado no anno de 1659.

33 O Convento de nossa Senhora da Luz da Ordem de Christo, no lugar de Carnide Freguezia de S. Lourenço, fundado no anno de 1469. segunda fundação em 1571.

34 O Convento de S. Joaõ da Cruz de Carmelitas descalços no mesmo lugar de Carnide, fundado em 1681.

35 O Convento da Cartucha de S. Bruno, da invocação Vallis Misericordiæ, no sitio de Laveiras, fundado no anno de 1598.

36 O Hospicio da mesma Ordem em Lisboa, fundado no anno de 1719.

37 O Hospicio, ou Convalescença dos Padres Capuchos da Provincia de Santo Antonio, fundado no anno de 1640.

38 O Convento, ou Hospicio de Corpus Christi de Carmelitas descalços na Freguezia de S. Nicolao, fundado no anno de 1661.

39 O Convento de N. Senhora da Conceição do Monte Olivete dos Agostinhos descalços, no sitio do Grillo, ou de Xabregas, foi fundado pela Senhora Dona Luiza de Gusmaõ, mulher do Senhor Rey D. Joaõ o IV. de quem ficou viuva em 6 de Novembro de 1656. e governado este Reyno na menoridade de seu filho o Senhor Rey D. Affonso VI. deo principio a fundação deste Convento no anno de 1663.

Conventos de Religiosas, que na Cidade de Lisboa, e seus suburbios, se fundaraõ depois do anno de 1551. São os seguintes.

1 **O** Convento do Bom Successo da Ordem de S. Domingos, abaixo de Belém junto a Pedrouços na Freguezia de nossa Senhora da Ajuda, fundado no anno de 1639.

2 O Convento do Calvario abaixo de Alcantara de Franciscanas, fundado na mesma Freguezia da Ajuda no anno de 1618.

3 O Convento das Flamengas da mesma Ordem, que fica defronte do Calvario, fundado no anno de

4 O Convento do Sacramento da Ordem de S. Domingos na Freguezia de Santos, situado junto de Alcantara, fundado pelos Condes de Vimioso em 1612.

5 O Convento de Santo Alberto de Carmelitas descalças, e primeiro desta Ordem, e reforma, que houve em Portugal, na Freguezia de Santos, fundado no anno de 1584.

6 O Convento da Nazareth de Bernardas descalças na mesma Freguezia de Santos, fundado no anno de 1652.

7 O Convêto de N. Senhora das Dores de Freiras descalças da Ordẽ da Santissima Trindade,

no sitio do Mocambo, Freguezia de Santos, fundado no anno de 1657.

8 O Convento de Santa Brigida, chamado vulgarmente das Inglezinhas, no mesmo sitio do Mocambo da Freguezia de Santos, fundado no anno de 1651.

9 O Convento do Crucifixo, chamado vulgarmente das Francezinhas, da Ordem de São Francisco, fundado pela Senhora Rainha Dona Isabel Francisca de Saboya, primeira mulher do Senhor Rey D. Pedro o II. a cuja fundação se deo principio no anno de 1667.

10 O Convento de nossa Senhora dos Remedios no sitio do Rato de Trinas calçadas, na Freguezia de Santa Isabel. Este Convento já se achava fundado, e feito no anno de 1704. em que servio de Hospital aos soldados Inglezes, que no mesmo anno passaraõ a este Reyno em soccorro do Imperador Carlos VI. que naquelle tempo se intitulava Carlos III. Rey de Castella, por suas pertençaens, que não chegou a lograr. Passada aquella occasião, ficou como d'antes deserto aquelle Convento até que no anno de 1721. ou de 22 o foraõ povoar as Freiras, que hoje o habitaõ.

11 O Convento de nossa Senhora da Conceição de Carmelitas descalças na Freguezia de N. Senhora das Mercês, fundado no anno de 1681.

12 O Convento de Santa Martha Franciscanas na Freguezia de S. Joseph, fundado no anno de 1580.

13 O Convento de Santa Anna Franciscanas, na Freguezia da Penna, fundado em 1561.

14 O Convento de Santa Monica da Ordem

dem de Santo Agostinho, na Freguezia de S. Vicente de fóra, fundado no anno de 1586.

15 O Convento de Santa Apollonia na Freguezia de Santa Engracia, fundado no anno de 1718.

16 O Convento de nossa Senhora da Conceição de Marvilla da Ordem de Santa Brigida, na Freguezia dos Olivaes, fundado no anno de 1660.

17 O Convento de nossa Senhora da Conceição da mesma Ordem da Conceição da Senhora, sito no lugar de Carnide, Freguezia de S. Lourenço, fundado no de 1694.

18 O Convento de Santa Tereza de Carmelitas descalças no mesmo lugar de Carnide, fundado no anno de 1642.

18 O Convento de N. Senhora da Conceição de Religiosas Agostinhas descalças no sitio do Grillo, foi fundado pela Senhora Rainha Dona Luiza de Gusmaõ no anno de 1663.

dein de Santo Agostinho, na Paroquia de S. Vi-
cente de fora, fundado no anno de 1586

15 O Convento de Santa Apollonia na
Paroquia de Santa Egracia, fundado no anno
de 1710

16 O Convento de Nossa Senhora da Con-
cepção de Marvilla de Orlens de Santa Brígida, na
Paroquia dos Olivares, fundado no anno de 1660

17 O Convento de Nossa Senhora da Con-
cepção de mesma Ordem da Paroquia de San-
ta Cruz, sito no lugar de Caridade, Paroquia de
S. Lourenço fundado no anno de 1600

18 O Convento de Santa Maria de Con-
cepção de mesma Ordem no mesmo lugar de Caridade,
fundado no anno de 1640

19 O Convento de N. Senhora da Con-
cepção de Religiosas Agulhas de S. Bento no sitio
do Grillo, foi fundado pela Senhora D. Anna Maria
de Moraes de G. no anno de 1660

CARTA

DO PADRE

D. THOMAZ CAIETANO

DE BEM,

Clerigo Regular,

A HUM SEU AMIGO

A'cerca de huns Monumentos Romanos descobertos no sitio das Pedras Negras.

MEu Senhor, e amigo. Naõ posso ser taõ agradecido, como sou obrigado a V.M. Deste modo me deixa a sua singular generosidade, e empenho em promover, e adiantar os meus estudos. As Inscriptoens, ou Monumentos Romanos, que V. M. me remetteo, taõ nobres até pela material elegancia, estimei muito ver, e me saõ de grande utilidade para o estudo, a que actualmente me applico.

Tendo a honra de ser nomeado socio do numero da Real Academia, fui encarregado de escrever a Historia dos Ritos, e Disciplina Eccle-

fiastica da Igreja de Portugal. Bem sabe V. M. quanto he na verdade esta materia aspera , e difficultosa de se tratar. Primeiramente pela vasta extensaõ , pois envolve em si hum numero quasi infinito de objectos ; e em segundo lugar pela sua mesma diversidade , sendo estes entre si muito diferentes , e ultimamente pelo alto silencio de nossos Escriitores , os quaes della quasi inteiramente se esquecerãõ , e entre todas foi sempre a mais desprezada. Póde ser, que como a mais recondita seja a mais ignorada.

Porque até agora não encontrei Escriitor Portuguez, a quem devesse este objecto especial trabalho, e pelo qual nós lhe possamos ser distinctamente agradecidos. Nosso defunto Collega , o M. R. P. Fr. Miguel de Santa Maria , o qual foi o primeiro , a quem na Real Academia se encarregou este trabalho , sómente nos deixou huma breve Dissertação ácerca do Promulgador da Fé nas Hespanhas. Seu successor , o Senhor D. Francisco de Almeida, varaõ taõ illustre , e benemerito da Republica literaria , começando a tratar esta materia , escreveu para ella hum Apparato taõ diffuso , e taõ dilatado , que altamente nos mostra a sua origem , e quasi fica a perder de vista o seu objecto.

Para tratar pois com a mayor perfeiçaõ este sagrado objecto , me pareceo conveniente, e preciso descobrir primeiramente , e ajustar os monumentos, em que a dita historia se contém. São sem duvida os mais principaes os sagrados Concilios , porque nestes se approvaraõ os Ritos sagrados , e se estabeleceo a Disciplina Ecclesiastica , e Moral

Doutrina ; nelles se condenaraõ os perversos dogmas , que a impugnavaõ , nelles finalmente se vê o progresso da nossa santa Fé.

Pareceome pois conveniênte formar huma collecção de todos os sagrados Concilios celebrados pela Igreja de Portugal , como tambem pelas outras Igrejas de suas conquistas , com todas as Bullas Pontificias , e Decisoens da suprema cadeira expedidas para o mesmo Reyno , ou para as suas Conquistas , de que poder haver noticia , das concordatas de nossos soberanos com os Principes , e Estado Ecclesiastico , que foraõ recebidas , ou estaõ em uso : das mais famosas doaçoes feitas pelos Monarcas , ou Principes Portuguezes á Igrejas ; finalmente de todos aquelles monumentos certos , q̄ servem para illustrem a historia dos ditos Concilios , e geralmente a historia Ecclesiastica , e tambem secular de Portugal , e certamente para adiantar os passos no estado mais util , e proveitoso.

Estes materiaes pois dividi , e arrumei pelos seculos da Igreja , por ser sem duvida a ordem Chronologica a mais propria para semelhantes obras. Ajuntarei algumas Dissertaçoens , humas criticas , outras Chronologicas , ou Historicas , e entre estas algumas Theologicas , para mayor luz , e conhecimêto da verdade. Naõ faltaraõ em muitos lugares , conforme a occasiaõ , as notas , ou observaçoens feitas por varios Authores , sobre os mesmos materiaes , tudo para a mayor clareza. Julgo em fim , que debaixo deste titulo de Collecção , poderá apparecer em publico hum corpo Diplomatico Ecclesiastico , e tambem secular , ou de Anecdotos muito uteis , e necessarios para a Historia uni-

versal desta Mouarquia. O zelo unicamente da honra da patria, e da restauração, e conhecimento da Disciplina Ecclesiastica, e desejo de servir ao bem publico me suggerio ha mais de seis annos esta nobre idéa. Logo lancei mão della, e emprendi taõ grande obra. Reconheço na verdade as minhas pequenas forças, mas sei, que a Omnipotencia Divina póde ajudar a todos: que a applicação, e trabalho continuo he quem poz fim ás mais difficultosas empresas. Para conseguir pois felizmente o fim intentado, e a perfeição desta obra procuro especialmente imitar a completissima collecção de Concilios da Igreja de Hespanha feita pelo Cardinal de Aguirre. O numero dos Codices manuscritos, e impressos, de que o meu cuidado, e diligencia de mais de seis annos me tem dado noticia, e informação, seria já sufficiente para fazer util, e estimavel a dita Collecção.

Bem sabe V. M. e quasi senaõ póde ignorar a grande utilidade de semelhante obra. Assim o ha de confessar quem advertir, que a mesma idéa está já praticada por todas as nações polidas, e sabias, ou em toda a Europa. Cada nação certamente cõ reconhecida utilidade (q̃ de outro modo naõ conspirariaõ todas no mesmo intento) tem publicado huma Collecção particular de seus Concilios. Da Igreja de Roma nos deo huma particular Collecção de seus Concilios Lucas Holstene, Conego da Basilica Vaticana, e Bibliothecario da livraria da mesma Basilica, e Leaõ Allacio nos dá noticia de outra semelhante Collecção feita pelo Doutor Alexandre Rainaldo, guarda da mesma Bibliotheca,

Da Igreja de Africa nos deo huma Collecção o P. Garnier; e dos Canones da mesma Igreja publicou huma estimada Collecção o famoso Christovão Justello, e o douto Conego Manoel Schelstrate hum particular tratado para o mesmo estudo. Dos Concilios da Igreja de França nos deo huma Collecção o P. Sirmondo, a qual adiantou notavelmente seu sobrinho o P. de la Lande. Dos Concilios celebrados em França depois do Concilio Tridentino publicou a Collecção o P. Luiz Odespunde de la Machiniere, sem fazer menção da celebre Collecção dos Capitulos de França, das assembleas do Clero Gallicano, e do nobre corpo Diplomatico dos celebres Benedictinos Mabillon, d'Acheri, Martene, e Durand, de Basnage, e outros Autores.

Até das Provincias particulares do Reyno de França se achão particulares Collecções de seus Concilios. Da Igreja de Normandia nos deo a sua Collecção o P. Goudin, a qual adiantou o P. Pomereye, e finalmente completou o P. Guilherme Bessin. Da Igreja de Tours compoz huma Collecção o seu Chantre João Maan. Da Provincia de Narbona fez a Collecção o celebre Pedro de Marca Arcebispo de Pariz, que publico Estevão Baluzio.

Da Igreja Anglicana publicou os Concilios Henrique Spelman; e tambem Guilherme de Lindood ajuntou hum corpo dos mesmos. Dos Capitulos celebrados em Alemanha pelo Imperador Carlos Magno fez antigamente a Collecção o Beato Renano em 1545. E no seculo seguinte trabalhou na mesma materia o Jesuita João Gamans.

Dos

Dos Concilios particulares de Moguncia o celebre Jesuita Nicolao Serario. Da Igreja de Hespanha temos a Collecção feita por Garfia Loayfa, e outra mayor pelo Cardeal de Aguirre. Assim vemos, que todos tem illustrado a mesma materia. E porque razão a Igreja de Portugal unicamente não terá tambem huma Collecção dos seus Concilios, que tal vez chegaõ ao numero de quarenta?

A Collecção do Cardeal de Aguirre no que pertence ao nosso Reyno he notavelmente diminuta, e muito mais no que pertence ás Igrejas das nossas Conquistas, como se póde saber. Reconheço he sem culpa daquelle Eminentissimo Escriitor, porque naquelle tempo ainda Portugal se achava em grande falta de noticias, como se queixa o mesmo Cardeal. Porque naquelle tempo, supposto que não distante do nosso, ainda não haviaõ os foccorros, que depois da instituicão da nossa Real Academia acharaõ todos os Eruditos: ainda em Portugal, com detrimento grave do bem publico, os Cartorios, e Archivos não estavaõ taõ patentes, como tem estado em nossos dias: poucos até entaõ tinhaõ sido examinados; muitos estavaõ totalmente fechados, e por isso não bastou todo o incansavel disvelo, e diligencia daquelle Purpurado Antiquario; como elle algumas vezes se queixa, para ser exacto, e completo no que toca aos Concilios da Igreja de Portugal.

Para illustrar pois esta Collecção tenho trabalhado em huma Dissertaçãõ Historico-Chronologica acerca dos Pretores, ou Legados, ou Magistrados, que no tempo dos Romanos governaraõ a nossa Lusitania para luz, e foccorro da Chronologia

gia Conciliar, cuja noticia he certo se funda nas medalhas, e cippos daquelle tempo, e por esta razã estimei muito ver estes munumentos novamente descubertos.

Dizme V. Mercê que ha poucos annos foraõ achados estes munumentos no sitio das Pedras Negras, nos alicerces de humas casas, que mandou fabricar de novo Joaõ de Almada. Que foraõ achados os seguintes padroens. Oito pedras de bastante grossura, e tamanho, e notavelmente polidas. Hum pedaço de coluna, que tem de comprimento cinco palmos. Mais outro pedaço de coluna de onze palmos em comprimento. Huma de quatro palmos. Duas de dez palmos. Huma de oito. Etodas estas ditas colunas tem dous palmos de grossura. Mais duas bases de coluna. Hum capitel da ordem Jonica. Huma pedra encarnada de onze palmos de comprimento, e cinco de largura, e hum palmo de grossura. Mais huma pedra de cinco palmos de comprimento, e palmo, e terço de grossura; e quatro palmos de largura. Chegouse a descubrir huma coluna de notavel grandeza, que se não arrancou. Conheceose tambem, que a fabrica Romana era grande, e magestosa. Porém não se descubrio toda.

Alèm destes fragmentos, se deseubriã mais quatro pedras da grossura, e tamanho, que ao diante diremos, com letreiros muito claros, e bem tallados, sobre estes direi brevemente o meu parecer, desejando sempre ver o mais acertado.

Seja o primeiro aquelle padraõ, que se acha em huma pedra encarnada de sufficiente grandeza, e elegante feitio, e vem a ser, huma coluna redonda,

redonda, porèm a tarja do letreiro em hum plano quadrado, e da dita tarja para baixo continûa a mesma columna de dous palmos, e hum quarto de comprimento, e o resto della naõ se achou, e diz assim.

DEVM MATR
T. LICINIUS
AMARANTIUS
V. S. L. M.

E vem a dizer : *Deum Matri, Titus Licinius Amarantius votum suo libens merito.* E em Portuguez quer dizer : *Tito Licinio por voto seu dedicou justamente este padraõ á mãy dos Deoses.*

Quem fosse a falsa Divindade, a quem chamavaõ a mãy dos Deoses, isto he Berycinthia, ou Cibeles, he escusado explicar, como tambem que ordinariamente eraõ nas praças os templos a ella dedicados; porque tudo isto he muito vulgar, e sabido.

Quanto a Tito Licinio, he certo; que em Portugal no tempo dos Romanos havia huma familia chamada dos Licinios. Porque em Braga havia huma familia, a qual era chamada dos Licinianos Licinios, como consta de huma pedra Romana, que traz o Doutor Joaõ de Barros no seu livro das Antiguidades da Provincia Interamnense no capitulo 13 citado pelo Padre Argote nas Memorias de Braga Tom. 1. pag. 257. dizendo, que estava na Cidade de Braga em huma columna com a seguinte Inscripçaõ.

D. M. A.
VALERIO LICINIANO
LICINIO JUNIORI. NOB.

Vid. Noris
 Tom. 2.
 p. 1134.

Vem a dizer: *Que aquella Memoria se dedicou a Valerio Liciniano Licinio o mais moço varão nobre.* Vide Moreno Hist. de Merida.

Porém na mesma Cidade de Lisboa se achão outros vestigios da familia Licinia, q̄ refere Antonio Coelho Gasco na 1. parte das suas Antiguidades de Lisboa no livro manuscrito cap. 40. aonde diz: que em hum formoso marmore Romano, que está metido na parede ao pé da Cruz, que está no adro da Igreja do Priorado de Santiago desta Cidade, o qual não está inteiro, cujo antigo cippo he este, que agora vemos, e diz:

S G E : : : P : : : O
 G : LICINI :
 DECIMM :

cuja declaração he: *Gajo Licinio Decimmio dedicou esta estatua ao Deos Esculapio.*

E no capitulo 60 diz, que na Igreja de S. Paulo desta Cidade está hum marmore Romano da banda do Euangelho dentro da mesma Igreja, em que está a pia da agua benta, que diz:

X

D: M.

D: M.
M: LICI.
NIVS
H: S: E:

cuja interpretação he esta : *Dedicada aos Deuses das almas. Aqui jaz enterrado Marco Licinio.*

Póde ser que esta familia descendesse de P. Licinio Crasso , que conquistou os Lusitanos , do qual fazem menção os nossos Escritores Refende Ant. Lus. l. 3. Brito Monarchia Lusit. p. 1. liv. 3. c. 15. e tambem Pighio, e outros Authores. Huma memoria dedicada ao Imperador Licinio em Portugal refere o mesmo Refende p Ant. Lus. l. 4. Chamavase tambem Licinio *Amaranto*, de cuja familia se encontraõ monumentos , porque na Cidade de Braga, como refere o P. Argote tom. 1. da Geograf. p. 251. no Hospital de S. Marcos existia huma pedra com esta inscripção.

AMARANTUS SENEACIONIS

H. S. E.

Quer dizer : *Aqui jaz Amaranto , filho de Senecion.* Pertendem alguns , que este Amaranto deo o nome á villa de Amarante, e á terra do Maraõ , o que commumente se tem por cousa frivola. A verdade he , que a familia dos Amarantos , e tambem dos Seneciones era dilatada entre os Romanos. Grutero traz diversas inscripções , e em

em diversas partes, que fazem menção de homens chamados Amaranto, e Senecion.

O segundo padraõ tambem em huma pedra encarnada, e de sufficiente grandeza tem este letreiro.

M A T R I D E
V M M A G J D E
A F R H R Y G T L
I Y C H C E R N O
P H R P E R N I I V I
C A S S E T C A S S S T V
M A T E T A N C O S S G A I

Pareceme dizer assim: *Matri Deum Magnæ Idæ A Fryga, Titus Licinius Cerno Provinciae Hispaniæ Reçtor Pernobilis. Diumviri Cassius, & Cassius Statuti. M. Attilio, & Aproniano Nobilissimis consulibus. Gajo.* Em o nosso idioma vem a dizer: *Tito Licinio Cernaõ dedicou esta memoria à mãy dos Deoses, á grande Ida de Frigia. Sendo muito nobres Diumviros Cassio, e Cassio. Sendo Consules Nobillissimos Marco Attio e Aproniano. E sendo Governador Gajo.*

Confesso que esta lição toda não me agrada, e nella tenho muita duvida. Julgo porém com bastante probabilidade ser esta memoria dedicada á mãy dos Deoses Cibeles, chamada *Magna Ida*, como consta de huma inscripção, que refere Grutero pag. 28. Que fosse costume dar-lhe o sobrenome, ou titulo de Fryga, consta tambem do Abbade Danet, de outra inscripção

cripção referida pelo mesmo Grutero pag. 566. E que fosse venerada na Lusitania, se vê claramente do monumento, que refere, e illustra o P. Argote Mem. Eccles. tom. 1. p. 224.

ISIDI AVG. SACRVM

L::: VCRETIA FIDA SACERD. PERP. P.
R O M. ET A U G.

CONVENTVS BRACAR. AVG. D.

Que quer dizer: *Esta obra dedicou a Chancellaria de Braga á Deosa Isis Augusta, sendo Sacerdotissa Lucrecia Fida, pelo povo Romano, e Augusto.* Quem quizer inreira noticia deste padraõ, veja o dito Padre no lugar citado.

A lição de Tito Licinio se faz provavel pela razão de concordar com o primeiro padraõ assima referido; algumas letras, que estaõ misturadas, podia ser erro do esculor, ou ornato dado pela sua fantasia, como se acha em outras muitas inscripções daquelle tempo.

Leyo por sobrenome CERNO, ou CERNAM; porque acho em Lisboa este mesmo nome em hum Epitafio, que ainda ha pouco tempo se achava na pia de agua benta junto á porta travessa da Freguezia de S. Paulo desta Cidade, que entendo ser o mesmo já assima referido. Cujá noticia achei nas Memorias manuscritas para a historia deste Bispaço pelo P. D. Manoel Caietano de Sousa, e diz assim.

D. O. M.
 M. LICINIO.
 M. F. CERNO
 N. VII.
 H. S. E.

Quer dizer: *Diis Manium, Marcus Licinio, Marci Filius Cerno, Nobilis Quinquumvir, hic situs est.* E em Portuguez: *Memoria consagrada aos Deuses dos Defuntos, Marco Licinio, filho de Marco, tambem Licinio, da Familia Cerno, ou Cernaõ, varaõ nobre, aqui està sepultado.*

Leio tambem Cassio, e Cassio Diumviros. Ainda que este apellido tambem se póde attribuir a Aproniano: porque acho em Lisboa no mesmo tempo dos Romanos duas familias Cassias, ou diferentes nas memorias do mesmo Gasco já referido no cap. 40. A primeira consta de hum padraõ, o qual diz que no seu tempo estava no chafariz del Rey levantado do chaõ trinta palmos no meio da torre; com estas palavras.

CASSIUS : Q: CALV-
 H. S. E.

Quer dizer: *Aqui jaz sepultado Quinto Cassio Calvo.* A segunda familia Cassia consta pela memoria de outro cippo, que estava á porta ppincipal de S. Nicolaó desta Cidade, que assim se lia.

CAS-

CASSIO SIGAL
GÆLIO : VIRO
OPTIMO.

Que vem a dizer: *Esta memoria he dedicada a Cassio Sigalio Gælio, varão de summa bondade: O qual titulo de Optimo, deo o Senado Romano por grande mercê ao Imperador D. Trajano, como he sabido.*

Quanto ao Consulado de Gajo nas memorias da mesma Cidade de Lisboa, escritas por Marinho p.2.cap.21. encontro esta certeza. Diz este Author, que em huma Ermida junto ao lugarda Carvoeira, que serve de cuberta de seu altar, estava hum padraõ, cujas letras trasladadas fielmente contém a seguinte inscripção.

DIS. MANIBUS.

Q. HAI. C. III. Q. I. GAL. CRL. C. III.
AN. I. AEDILIS. AN. XXXX.

M. GAI. C. III. O I. GAI. A VII. AN. XVIII.
JULIA. M. E. MARCILIA MARIIO
OPIUMO. III. O. PISSIMO DE SUO FECIT.

Confessa o Author, que a dita pedra tem suas difficuldades na explicação, que salvo melhor juizo entende elle desta fórma: *Memoria consagrada aos Deoses dos defuntos. Quinto Gajo Consul a terceira vez, e Questor a primeira, filbo de Gajo Cal-*

Calpurnio, que foi tres vezes Consul, e hum anno Edil de idade de quarẽta annos. Marco Galo tres vezes Consul da primeira ordem, filho de Gajo Avito de idade de dezoito annos. Julia Marcilia filha de Mario a fez pôr á sua custa a seu piedosissimo, e bom marido da quarta ordem. Os reparos, que Marinho faz acerca desta liçaõ, se podem ver no mesmo lugar, e para o meu intento saõ escusados.

O terceiro padraõ, que he tambem huma pedra de cõr encarnada; e tem quatro palmos, e sete oitavos de comprido, 2 palmos e meyo de largo, hum palmo, e sete oitavos de grosso, e de huma parte do seu letreiro está quebrada menos de metade, pelo que se acha o dito letreiro imperfeito, o qual he este.

M E R C V R :::

C A E S A ::::

A U G U S T ::::

C J V L I U S . F . J L :: :

P E R M I S S U . D E C :: :

D E D I T . F . :::

Parece que se deve ler deste modo, supprindo algumas palavras, que faltaõ: *Mercurio, Cesari Augusto, Cajus Julius, Felicitas Julia, permissu, Deo dedit, posuit.* Que em Portuguez vem a dizer: *A Mercurio, a Cesar Augusto, Cajo Julio, Felicitas Julia* (este era o nome q̃naquelle tempo tinha Lisboa) *com permistaõ, ou por permistaõ*

missão desta Cidade, ao Deos dedicou, e offerceo a sobredita memoria.

Tambem póde ser, *Fieri permisso Decurionum: feito com permissão do magistrado.* Porém he incerta esta lição; e nella se admite a Figura Rhetorica Hiperbaton, ou Transposição de palavras, como se entenderá, se nella reflectirmos; e que era usado, como se vê em huma inscripção Romana, que refere o Cardeal Norris, e deste a copiou o Author de huma Dissertação acerca de huma inscripção, que se acha nas Memorias de Braga.

Outra semelhante memoria se refere nas Antiguidades de Marinho, o qual diz na segunda parte, c. 9. q̄ fóra da porta do Sol estava junto a huma janella das casas do Prior de Santiago, em que se faz menção de hum Sacerdote Augustal (qual fosse esta dignidade no mesmo Capitulo o declara) e por estar muito alta a dita pedra, e as letras gastadas, se não podiaõ ler mais que as seguintes.

MERCURIO. A V G.
SACRUM. C. JULIVS.

: : : : : : : :
: : GUSTALIS. D. D.

E por isso se não póde conjecturar deste padraõ mais, que *Cajo Julio Sacerdote Augustal dedicara esta ara ao Deos Mercurio.* E he cousa verosimel, que este seja o mesmo homem, de quem faz menção a memoria, de que se trata, tendo

tendo este o mesmo nome. Em a historia Ecclesiastica de Lisboa escrita pelo seu Arcebispo D. Rodrigo da Cunha Part. 1. c. 5. se acha huma inscripção deste modo.

MERCUR. AUG. SACR. C. JULIUS
C. JULII III. AUGUSTALIS D. D.

Que a Augusto César se dedicassem em Lisboa Aras, e Templos, prova largamente o dito Marinho contra Fr. Bernardo de Brito com huma inscripção, que tambem refere Gasco, e vem a ser a seguinte.

DIVO AUGUSTO
C. ARRIUS OPTATUS
C. JULIUS EUTICHUS
AUGUSTALES.

Vid. Brito
p. 1. p. 405

Cuja significação he esta: *Cajo Arrio Optato, e Cajo Julio Eutico, Sacerdotes de Augusto, dedicarão esta memoria a sua divindade.* Tambem da identidade do nome podemos inferir ser o mesmo homem, o qual por algum motivo particular seria muito devoto desta falsa divindade. Donde podemos ler a memoria achada desta maneira *Mercurio. Cesaris Augustalis C. Julius, &c.* dizendo assim: *Cajo Julio Sacerdote Augustal de Cesar, ao Deos Mercurio, &c.*

O quarto, e ultimo padraõ, que he huma tarja com sua moldura, e he de quatro palmos,

e tres quartos, e da moldura para baixo seis palmos e hum quarto, e assim tem a dita pedra ao todo onze palmos de comprido, quatro palmos, e tres quartos de largo, e palmo e terço de grosso, e tambem he de côr encarnada, com o seguinte letreiro, em cuja lição pela sua clareza, não pôde haver duvida: diz assim.

L. CAECILIO. L.F. CELERI. RECTO
 QUÆST. PROVINCIÆ BAET.
 TRIB. PLEB. PRÆTORI
 FELICITAS JULIA OLISIPO.

Em Portuguez quer dizer: *A Cidade de Lisboa dedicou esta memoria a Lucio Cecilio, filho de Lucio, Celere, Recto Questor da Provincia Betica, Tribuno do Povo, e Pretor.*

Havia em Portugal naquelle tempo familia de Lucios; porque desta se encontraõ noticias em Braga, segundo consta de hum cippo, que traz Barros, e Cunha, e actualmente existe na Igreja de São João do Soto, como refere Argote tom. 1. p. 257. o qual cippo diz.

QU. TUS LUCIUS TUSCI VALEITINI. F.

Quer dizer: *Aqui jaz Quinto Lucio, filho de Valentino Tusco.*

A familia dos Cecilios tambem era conhecida. Consta de huma memoria, que o celebre Antiquario Resende refere deste modo no seu tratado das Antiguidades de Evora cap. 8. A
 qual

qual não se traslada toda por ser muito grande.

... CILIO Q. F. VOLUS.

A qual elle lê desta maneira, supprindo a falta, no que concorda Diogo de Menezes e Vasconcellos no seu Commentario: *Quinto Cecilio, Quinti filio, Volusiano, &c.* Em Portuguez: *A Quinto Cecilio, filho de Quinto, Volusiano, &c.* Deste Quinto Cecilio achamos noticia em Fr. Bernardo de Brito Monarch. Lusit. p. 1. l. 3. c. 23. referindo a seguinte inscripção Romana.

Q. CECILIO METELLO
CONCULI, II. VICTORI.

Quer dizer: *Esta memoria se poz ao Consul Quinto Cecilio Metello, sendo vencedor duas vezes.* O mesmo Author faz menção no l. 4. cap. 19. de hum Cecilio Nigro Barbato, que podia pertencer á mesma familia. Aquelle, de quem se faz memoria no livro 2. cap. 13. da moderna historia de Galiza, julgo não pertencer aqui.

O mesmo Commentador refere immediatamente outra inscripção Romana, que parece ser posta pelo mesmo Lucio Cecilio, de que tratamos, por ter o mesmo nome, diz assim.

M. ÆLIA...

TERTULLA...

L. CÆCILIVS...

UXORI. FE...

Vem a dizer: *Memoriæ Æliæ Tertulæ, Lucius Cæcilius uxori fecit.* Em o nosso idioma: *Lucio Cecilio dedicou esta memoria a Elia Tertula sua mulher.*

Achase nas Antig. Rom. tom. II. p. 739. hum monumento, o qual faz menção de Cecilio Celere, e diz assim.

D. M.

CAECILI CELERIS

MIL. CLASSIS. PR.

MISENENSIS, NATIO

BESSUS. MIL ANN.

XXV. VIX. ANN. XLV.

H. B. M. E.

Porém em Portugal era conhecida a familia dos Celeres; porque Frei Bernardo de Brito na Monarquia Lusitana p. 2. cap. 1. tratando da legião decima, chamada Fretense, diz, que em huma sepultura, que esteve em Condeixa a velha de hum desta mesma legião, se lia o seguinte letreiro (o qual era trasladado) e dizia deste modo.

G. RUT. CELER. CENT.
 CAEG: FRET. VVL. SO-
 TIAL: PEREMPT. H.S.E.
 JUL. MAXIMI. SALACIEN.
 AMICO P. D. S. P. S. T. T. L.

A qual lê assim: *Gajus Rutilius Celer, Centurio Legionis Fretensis Decimæ, Sociali peremptus, hic situs est. Julius Maximinus Salaciensis Amico Pientissimo de suo posuit. Sit tibi terra levis.* Em Portuguez lê assim: *Gajo Rutilio Celer, Centuriaõ da legiaõ Fretense, morto por hum seu companheiro, aqui está sepultado. Julio Maximino, natural de Alcarcere do sal ao seu amigo piissimo mandou á sua custa lavar esta memoria. Sejate a terra leve.* Em Marcial lib. 7. Epigram. 51. se acha a memoria de hum Governador de Hespanha, chamado Celer. Se os nomes dos Consules não são dos honorarios, ou successos, vem a ser o anno de Christo 191. Acerca das familias Licinia, Cecilia, &c. se poderá ver Vaillant, Fulvio Ursino, a Museo Theopolitano, e alguns outros Escriitores.

Alem destes quatro emolumentos, de que V. M. me dá noticia, e de que já o publico era participante por meyo do erudito Anonymo, pelo mesmo tive a noticia de outro padraõ Romano, que na mesma fabrica se achou. Direi simplesmente o que neste particular refere o di-
 to

to erudito. Continuando em abrir o alicerse para a dita fabrica se achou hum padraõ, que vinha a ser huma inscripção sepulchral, que entre todos estes fragmentos da veneravel Antiguidade era o mais particular, e estimavel. Porém como tal lhe coube a mayor desgraça, porque supposto que era a mais distincta no merecimento, foi a primeira, que se sepultou, e escondeo, para se ignorar. Constava a dita pedra de humas letras Romanas, bellissimamente talhadas, porém algumas dellas cheyas do bitume, que o tempo com o socorro da terra tinha fabricado, e dizia assim:

D. M.

M. VARONIS QVAESTORIS
 QUI POST NATALEM SUUM
 TERTIUM SUPRA TRIGESSIMUM
 PRVNA IN PENSILI POSITA
 VRGENTE FATO IP . . .
 SE SANVM NECAVIT SE L. VAR.
 RO ET FVLVIA AELIA
 FILIO PIENTISSIMO
 ET SIBI

H. M. F. F.

Em Portuguez quer dizer: *Dedicado aos Deo-
 das Almas. Lucio Varram, e Fulvia Elia man-
 daraõ fabricar este monumento para si, e para
 memoria de seu piissimo filho Marco Varram*

Ques.

Questor, o qual na idade de trinta e tres annos, pela urgencia do fado, posto o fogo em a maquina pensil, estando em perfeita saude, por suas proprias mãos se matou.

Adverte o sobredito Anonymo, que os antigos costumavaõ justificaremse para com os Deoses, de qualquer delicto, de que eraõ injustamente accusados, testificando por meyo do fogo a sua innocencia; do que se acha alguma prova na Historia Romana, como em Diam Cassio referindo a Spartiano na vida do Emperador, Adriano. Adverte tambem, que a maquina pencil, naõ era brazeiro de commodidade, mas sim Tutibulo, ou outro instrumento proprio para o ministerio de invocar os Deoses, como se colhe da palavra *pensile*, a que os Gregos chamavaõ *demiaterion*, que he o mesmo que Turibulo, suspensorio, ou vaso proprio para o fogo, e incenso dos Sacrificios. E assim conclue, que lhe parece, que occupando Marco Varram o cargo publico de Questor, ou de receber as rendas, e tributos que em suas respectivas Provincias pertenciaõ aos Romanos, sendo injustamente accusado no Senado, cheyo de honra, e de brio, como mancebo vigoroso, quiz antes soffrer a morte por suas proprias mãos, que padecella pelas alheyas, tal vez com mayor castigo, e mais severo rigor.

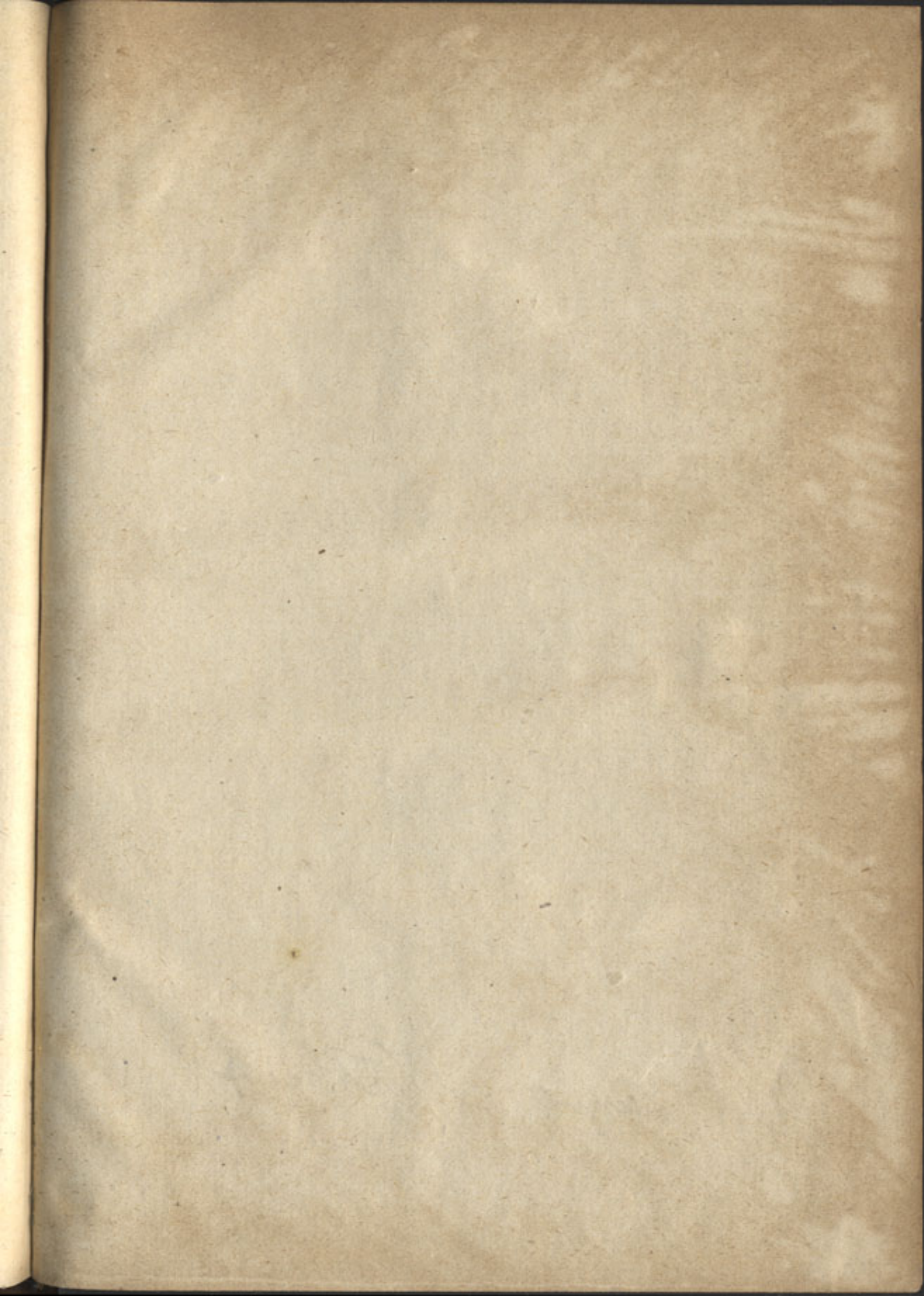
Diz mais o dito Author, que esta inscripção sepulchral he taõ rara, que em toda a historia antiga, e em todos os Authores, que cuidadosamente procuraraõ ajuntar todas as inscripções lapidares, senaõ encontra mais que huma
feme-

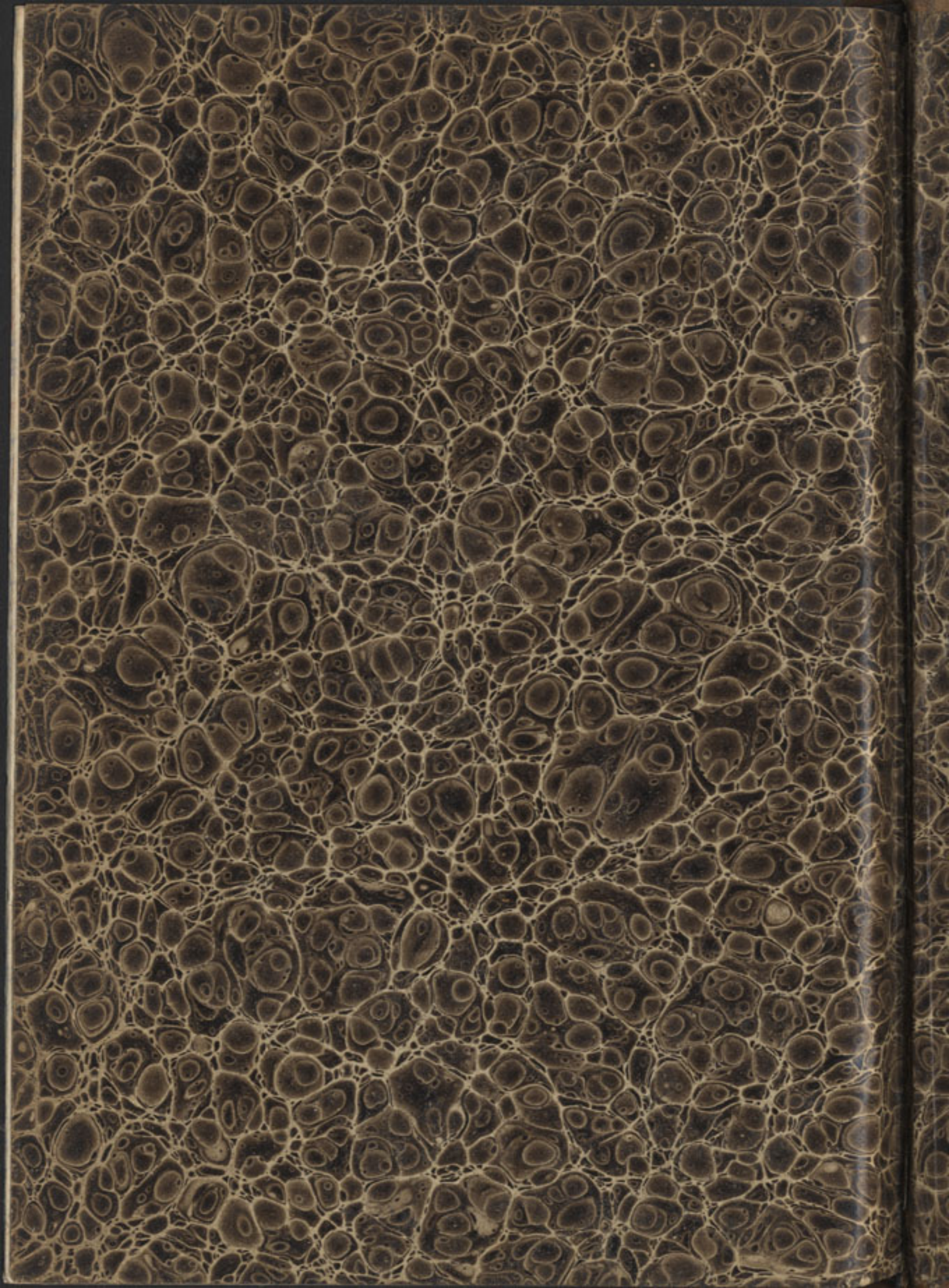
femelhante a esta nossa, de que tratamos, a qual descobrio em Parma André de Nauger no anno de 1524. e se achou copiada nas memorias de Pedro Bembo, da qual depois fez tambem menção Ericio Puteano em huma carta, que escreveu ao Jurisconsulto da Cidade de Milão Pedro Canto- nio, pelo que sendo esta taõ rara, devia ser mais respeitada, e conservada com mayor estimação.

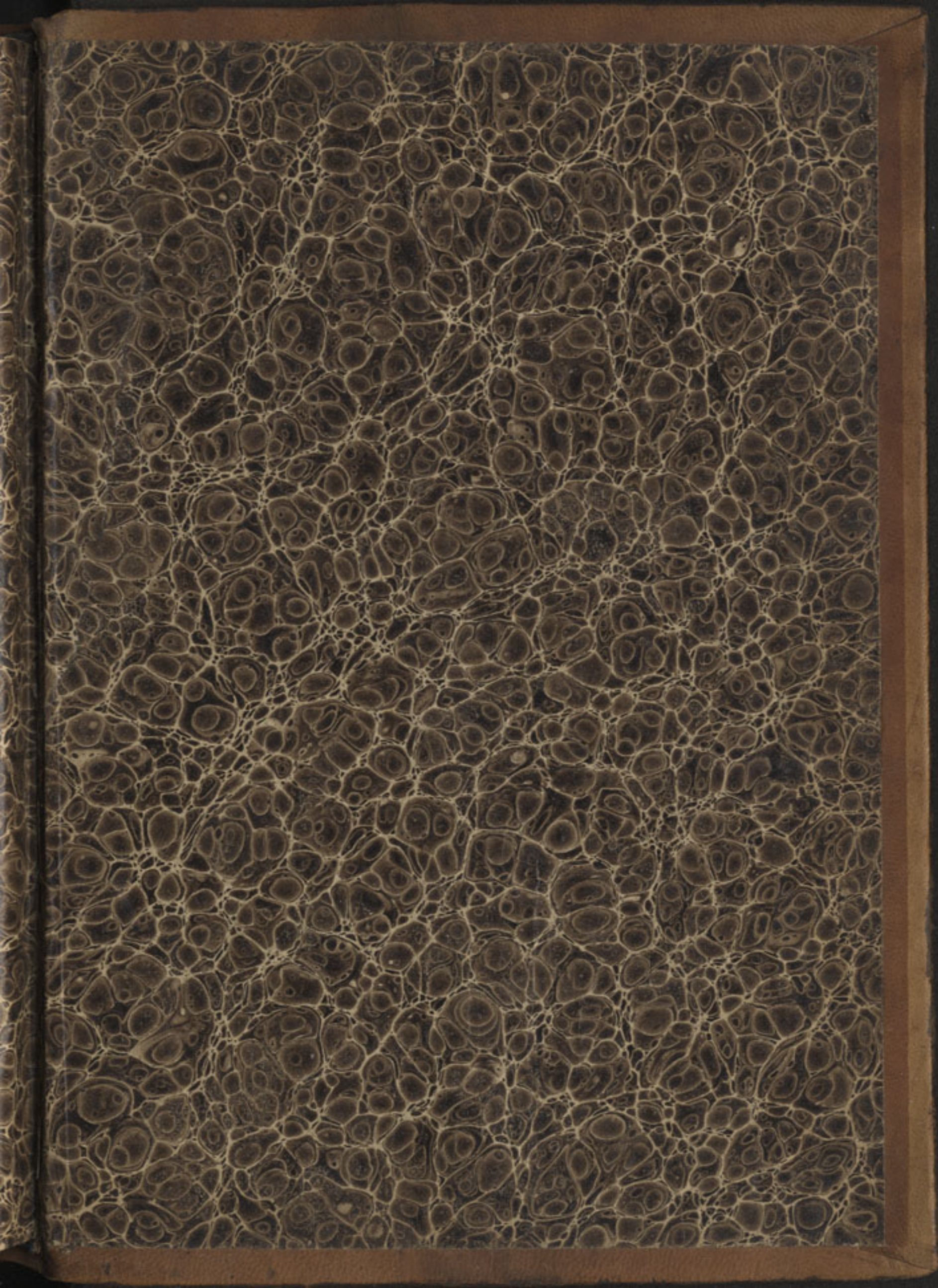
Isto he quanto me occorre acerca destes padro- ens, de cujo trabalho tirarei o lucro de me illuf- trar com a melhor noticia, que V. M. me der; a cuja obediencia estou sempre, Lisboa em 29 de Outubro de 1754. Na Casa de N. Senhora da Divina Providencia dos Clerigos Regulares, &c.




CAR-







 UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade de Letras



1315669601



OLIVEIRA



SUMARIO



CF
C
1
9